

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS  
CURSO DE JORNALISMO

CAMILA ANDRADE PIRES

**O CASO HARVEY WEINSTEIN E A INVESTIGAÇÃO DE RONAN FARROW: COMO O  
JORNALISMO EXPÕS UM PREDADOR SEXUAL**

Porto Alegre  
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

CAMILA ANDRADE PIRES

**O CASO HARVEY WEINSTEIN E A INVESTIGAÇÃO DE RONAN FARROW:  
COMO O JORNALISMO EXPÔS UM PREDADOR SEXUAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Moreno Cruz Osório

Porto Alegre  
2020

CAMILA ANDRADE PIRES

**O CASO HARVEY WEINSTEIN E A INVESTIGAÇÃO DE RONAN FARROW:  
COMO O JORNALISMO EXPÔS UM PREDADOR SEXUAL**

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Prof. Dr. Moreno Cruz Osório

---

Prof. Dr. Juan de Moraes Domingues

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Paula Regina Puhl

Porto Alegre

2020

## AGRADECIMENTOS

No último ano do ensino médio escrevi no anuário a seguinte letra de música do musical *Hamilton*: “*There’s a million things I haven’t done. Just you wait, just you wait.*” Traduzido para o português: “Existe um milhão de coisas que eu ainda não fiz. Apenas espere, apenas espere”. Em um dos momentos de maior transição da minha vida eu não conseguia imaginar o que os próximos anos iriam me proporcionar. Tive experiências incríveis com pessoas que me ajudaram a expandir o meu conhecimento de mundo e também pessoal, para elas que dedico este trabalho.

As minhas colegas de curso com quem elaborei o Projeto Ilhados, pelo companheirismo diário. Aos meus amigos, pelo constante apoio, especialmente a Roberta e ao Daniel, que me ajudaram e incentivaram durante esse processo.

À Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos por ter me acolhido e proporcionado um espaço de aprendizado. Aos funcionários da escola por sua constante gentileza. Aos professores que me ensinaram e continuam a ensinar a grandeza do jornalismo. Ao professor e coordenador do curso de jornalismo, Fábio Chelkanoff Thier, por seu apoio imensurável.

Aos professores que aceitaram participar da banca examinadora, o meu muito obrigada! Ao meu orientador, Moreno Osório, por me guiar, me ajudar e me apoiar durante todo esse processo, obrigada por tudo.

Aos meus pais, por sempre me incentivarem a seguir os meus sonhos. Amo vocês.

Encerro com uma outra letra de música. Dessa vez da série *Julie and the Phantoms*, cuja trilha sonora embalou os meus dias de trabalho e estudo: “*I believe that we’re just one dream away from who we’re meant to be. That we’re standing on the edge of great.*” Em português: “Eu acredito que estamos apenas a um sonho de distância de quem devemos ser. Que estamos à beira do incrível.”

## RESUMO

O jornalismo investigativo se diferencia do jornalismo habitual por necessitar de mais tempo, por necessitar uma cautela maior e também por buscar uma relevância maior para a checagem de fatos. Este trabalho tem como objetivo compreender como o jornalista Ronan Farrow apurou a matéria “*From aggressive overtures to sexual assault: Harvey Weinstein’s accusers tell their stories*” publicada em 10 de outubro de 2017 na revista *The New Yorker* e como o seu processo conversou com a(s) definição(ões) do jornalismo investigativo. É proposto analisar a conduta ética do repórter com intuito de descobrir como as suas decisões foram tomadas durante a investigação. Serão apresentadas reflexões sobre a conduta profissional de Farrow e da importância do jornalismo investigativo para a sociedade, visando ressaltar a necessidade dele para o público e defendendo a sua prática. Uma metodologia baseada na análise de conteúdo foi criada para ajudar a compreender o problema da pesquisa. O estudo concluiu que o trabalho do jornalista foi guiado pela sua compreensão da necessidade de divulgar as informações para o público e que sua conduta ética foi baseada em seus valores. Além disso, que o jornalismo investigativo possui grande relevância na sociedade.

**Palavras-chave:** Jornalismo Investigativo, Ética, NBC, *The New Yorker*, Harvey Weinstein.

## ABSTRACT

Investigative journalism differs from regular journalism in that it demands more time, needs greater caution and also because it seeks a bigger relevance for fact checking. This work aims to understand how the journalist Ronan Farrow collected information for the article "*From aggressive overtures to sexual assault: Harvey Weinstein's accusers tell their stories*" published on October 10th, 2017 in *The New Yorker* magazine and how his process is related to the definitions of investigative journalism. It is proposed to analyze the reporter's ethical conduct in order to find out how his decisions were made during the investigation. Reflections on Farrow's professional conduct and the importance of investigative journalism to society will be presented, aiming to highlight its need for the public and the defence of its practice. A methodology based on content analysis was created to help understand the research problem. The study concluded that the journalist's work was guided by his understanding of the need to disseminate information to the public and that his ethical conduct was based on his values. Furthermore, that investigative journalism has great relevance in society.

**Keywords:** Investigative Journalism, Ethics, NBC, *The New Yorker*, Harvey Weinstein.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Destaque de categorias do jornalismo investigativo .....	20
Tabela 2 – Destaque de categorias da ética no jornalismo investigativo .....	24
Tabela 3 – Glossário de personagens.....	29

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 JORNALISMO INVESTIGATIVO .....</b>	<b>13</b>
2.1 O QUE É JORNALISMO INVESTIGATIVO, AFINAL DE CONTAS? .....	13
2.2 A ÉTICA NO JORNALISMO INVESTIGATIVO .....	20
2.3 OS RISCOS ENFRENTADOS PELOS JORNALISTAS .....	24
<b>3 A INVESTIGAÇÃO DE RONAN FARROW .....</b>	<b>29</b>
3.1 GLOSSÁRIO DE PERSONAGENS .....	29
3.2 A REPORTAGEM .....	30
3.3 AS DIFICULDADES .....	31
3.4 A REPERCUSSÃO .....	35
<b>4 ANÁLISE .....</b>	<b>38</b>
4.1 METODOLOGIA .....	38
4.2 APURAÇÃO .....	39
4.2.1 Busca por informações e a relação com fontes .....	40
4.2.2 Bases éticas e o papel do jornalista .....	43
4.2.3 Tempo e profundidade .....	45
4.2.4 Cautela, checagem e cruzamento de informações .....	48
4.3 CONDUTA ÉTICA .....	50
4.3.1 Execução da conduta ética de forma justa .....	50
4.3.2 Verificação dos fatos .....	54
4.3.3 Confiança mútua entre o jornalista e o público .....	56
4.4 RELEVÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO .....	58
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>74</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Investigar é uma das principais características do jornalismo. A busca por informações surge por meio de um processo de apuração que determina o resultado final da reportagem. Os profissionais do jornalismo guiam-se pela necessidade de entregar um conteúdo verdadeiro ao público. No jornalismo habitual, o do dia a dia, esse processo é constante, criando um método de como executá-lo rapidamente, mas que ainda garanta a credibilidade dos fatos.

O jornalismo investigativo distingue-se do habitual em alguns pontos que tornam-o uma prática à parte. É necessário mais tempo, uma cautela maior e uma verificação de fatos mais esforçada. Tudo isso porque o investigativo trabalha com assuntos mais delicados, sendo muitos deles denúncias. Um repórter pode ficar meses investigando uma pauta, entrevistando fontes e checando os fatos. Diferente do habitual, onde existe um compromisso com a periodicidade e, portanto, com certo, imediatismo, a reportagem investigativa usufrui do tempo para garantir que o seu resultado construa realidades complexas, verdadeiras e credíveis. É dessa maneira que o jornalismo investigativo consegue cumprir um dos seus maiores objetivos: estar a serviço do interesse público.

O esforço maior de apuração e verificação tem um motivo: nem sempre as informações estão disponíveis. Documentos podem não ter o acesso liberado, fontes podem não querer falar etc. Por isso, o jornalista precisa encontrar maneiras para acessá-las. Uma técnica fundamental é estabelecer um relacionamento de confiança mútua com as fontes. Dessa forma, a contribuição de informações para o jornalista pode ficar mais orgânica. Por não existir uma única técnica do jornalismo investigativo, os limites que o jornalista deve enfrentar são exclusivos para cada caso. Mas uma coisa é certa, os profissionais devem seguir o seu senso de ética. Isso significa que eles precisam acompanhar o que já é estabelecido como ético no jornalismo, mas também devem estar atentos aos seus valores pessoais para estabelecer quais os limites para se conseguir uma informação.

Este trabalho, portanto, analisará o processo de apuração e a conduta ética do jornalista Ronan Farrow sobre a reportagem "*From aggressive overtures to sexual assault: Harvey Weinstein's accusers tell their stories*", publicada na revista *The New Yorker* no dia 10 de outubro de 2017, disponível no Anexo A. A matéria conta a história de mulheres que foram estupradas, assediadas ou abusadas sexualmente por Harvey Weinstein, que até àquele momento era um dos produtores de cinema de maior influência em Hollywood. Foram mais ou menos 10 meses de apuração, onde o repórter trabalhou incansavelmente buscando fontes, documentos e fazendo uma grande checagem de fatos. A sua postura como jornalista e a maneira como agiu para buscar informações foram objeto de análise. Outro ponto principal da pesquisa é a relevância do jornalismo investigativo. Interpretamos qual foi a repercussão da reportagem de Farrow na sociedade e por que o jornalismo investigativo é uma prática que deve ser mais valorizada.

Dito isso, a pesquisa baseia-se em responder duas perguntas: Qual foi o processo de apuração do jornalista Ronan Farrow na matéria "*From aggressive overtures to sexual assault: Harvey Weinstein's accusers tell their stories*"?; Como a investigação de Farrow dialoga com a(s) definição(ões) de jornalismo investigativo?. Para fazer isso, observaremos o trabalho do repórter em três momentos: primeiro a apuração feita na rede de televisão NBC, depois a transferência para a revista *The New Yorker* e, por último, a publicação do livro "Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio". Este é o objeto principal para compreender o trabalho do jornalista. Em inglês esse livro se chama: "*Catch and Kill: Lies, Spies and a Conspiracy to Protect Predators*". O termo "*catch and kill*", "pegar e matar", traduzido para o português, representa uma técnica utilizada por veículos de jornalismo para impossibilitar que uma pessoa divulgue publicamente informações que podem ser prejudiciais para terceiros. Iremos observar como isso surge na história, por conta da NBC, e como influenciou a reportagem de Farrow.

Este trabalho tem como finalidade compreender como foi feito o processo de apuração do jornalista e se suas ações foram, ou não, éticas. Também visa concluir como a repercussão da reportagem de Ronan Farrow está ligada à relevância do jornalismo investigativo. Assim, será necessário entender o que é o jornalismo investigativo, bem como a ética operada em seu

exercício. Discutir sobre o papel do jornalista, seu trabalho e suas decisões éticas ajuda a criar uma visão mais clara do profissional que trabalha com a investigação. Podendo assim ajudar o público a conhecer os desafios e a constante demanda pela confirmação da veracidade. Explorar um caso como o de Farrow permite também que uma compreensão da relevância do jornalismo investigativo na sociedade seja analisada. Essa discussão ajuda na valorização desse tipo de jornalismo, que muitas vezes é tratado com hostilidade e os repórteres são vistos como ameaças.

O capítulo atual apresenta a proposta do trabalho, os seus objetivos, junto com a delimitação do tema. Também expõe as reflexões de como a pesquisa pode contribuir para a sociedade.

O capítulo dois busca definir jornalismo investigativo, sublinhando quais são suas principais características. Para isso, compara-se o jornalismo investigativo com o jornalismo habitual. Essa tarefa é ancorada nas reflexões de autores como Ricardo Noblat (2002), Gisele Reginato (2016), Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) e Leandro Fortes (2005). Em seguida é feita a definição da ética no jornalismo investigativo, com sustentação de autores como Rogério Christofolletti (2008) e Francisco José Castilhos Karam (2014). O capítulo é dividido em três partes, onde as duas primeiras têm tópicos mais relevantes destacados em uma tabela, conforme a organização determinada pela metodologia.

O capítulo seguinte conta a história de Ronan Farrow e sua jornada como jornalista. Além disso, descreve a história apresentada no livro “Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio”. Em benefício da clareza, a história é (re)contada a partir dos fatos mais relevantes para a análise. O capítulo é encerrado resgatando a repercussão da reportagem, incluindo as suas críticas.

O quarto capítulo é onde a análise é realizada. Ele é construído conforme a metodologia, explicada no seu primeiro item. A análise é dividida em apuração, conduta ética e relevância do jornalismo investigativo.

Utilizou-se uma metodologia criada especialmente para poder realizar a análise. Inspirada na análise de conteúdo, a organização foi ponto chave para a efetivação do trabalho. No final de cada item do capítulo dois foram separadas em tabelas as características mais relevantes conforme o tópico que

foi trabalhado. Em seguida, foi feita uma contextualização sobre o jornalista e também sobre a pauta, finalizando com a sua repercussão. Os tópicos que se interligavam foram unidos para que juntos fossem analisados. O livro de Ronan Farrow foi utilizado para exemplificar essas categorias e entender como foi o processo do autor naquele momento.

O quinto e último capítulo apresenta as considerações finais sobre o trabalho, mostrando as reflexões que foram feitas sobre o jornalismo investigativo e também sobre o seu papel na sociedade.

## 2 JORNALISMO INVESTIGATIVO

Para compreender a prática do jornalismo investigativo, é necessário entender como ele parte do jornalismo habitual em direção a uma especificidade própria, embora não estanque, muito menos consensual. Por isso, neste capítulo serão abordadas as principais características do formato investigativo e o que é necessário para poder praticá-lo. Serão abordados autores como Leandro Fortes (2005) e Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) para entender o que é capaz de distinguir o jornalismo investigativo do que o jornalismo que surge, de acordo com Hunter (2013), por meio de uma cobertura habitual. Em seguida, discutiremos a ética no jornalismo, visando problematizar sua importância durante a prática investigativa. Rogério Christofolletti (2008) e Francisco José Castilhos Karam (2014) são alguns dos autores que serão utilizados.

### 2.1 O QUE É JORNALISMO INVESTIGATIVO, AFINAL DE CONTAS?

O jornalismo apresenta diferentes gêneros, podendo ter o seu foco em diferentes assuntos e ser produzido em diferentes formatos. O que une esses tipos diferentes de jornalismo é a missão de informar com precisão a verdade, o que ajuda os cidadãos a tomarem decisões melhores na vida em sociedade. Por isso, o jornalismo muitas vezes é considerado um serviço público. Noblat (2002), por exemplo, afirma que o jornalismo deve ser como uma reflexão da consciência crítica de uma sociedade em um tempo e um espaço. Mas as finalidades do jornalismo são muitas.

Reginato (2016) as resume em contextualizar e organizar a informação, defender o cidadão, formar a opinião pública, mediar, trazer a verdade e investigar. Deuze e Witschge (2015, p. 2), por sua vez, afirmam que “o jornalismo é amplamente reconhecido e visto como um conjunto de valores, princípios e práticas aprovados de diferentes formas”. Reginato segue “Por conta disso, a expectativa em relação ao papel do jornalista é tanto uma demanda da sociedade, quanto uma cobrança da própria ideologia profissional” (REGINATO, 2016, p. 130).

A responsabilidade de entregar a verdade é a maior que um jornalista deve ter. Ela é indescritivelmente, o que deve guiar os jornais e jornalistas. E essa característica contribui para que o jornalismo tenha tanta importância em uma sociedade democrática. Sousa (2001, p.14) relembra a influência que os jornais podem ter nas populações:

Um jornal pode também contribuir para a formação dos seus leitores. Um jornal pode, por exemplo, exercer pedagogia social, informando sobre como contribuir com pequenos gestos para a reciclagem dos lixos ou para a salvaguarda do ambiente.

As informações também se disseminam por diversos assuntos. O jornalismo busca abranger tudo o que é informação e o que é relevante para determinada sociedade. Por isso, não existe somente um tipo de jornalismo:

O jornalismo que se faz na imprensa regional e local, por exemplo, é diferente do jornalismo que se faz nos grandes jornais e revistas. O jornalismo especializado é diferente do generalista. O jornalismo escolar é diferente do jornalismo empresarial. O jornalismo iraquiano é diferente do português (SOUSA, 2001, p. 15).

O jornalismo na web é hoje predominantemente onde a maioria do conteúdo jornalístico é destinada. O *online* passou a ser elemento fundamental no jornalismo. Algumas características deste são, de acordo com Machado e Palacios (2003): a multimídia/convergência dos formatos de foto, vídeo e áudio em uma narrativa; a interatividade entre leitores e jornalistas; a hipertextualidade; a customização do conteúdo/personalização de como o leitor configura o conteúdo conforme os seus interesses; a memória; e a instantaneidade/atualização contínua. Essas particularidades do jornalismo na web são o que Bardoel e Deuze (2001) consideram como possibilidades de um jornalista de abordar uma história de diferentes maneiras. A convergência traz a necessidade de uma atenção maior da abordagem por meio dos jornalistas. Para o jornalismo investigativo, a web possibilita ferramentas que servem como apoio em buscas e também como caminhos para acesso a fontes no processo de apuração. Segundo Virissimo (2008, p.14):

A Internet reformula o fundamento jornalístico da apuração na medida em que oferece maiores possibilidades de pesquisa e investigação de dados nesta etapa do processo de produção da notícia fornecendo maiores chances do jornalista difundir conhecimentos nos seus produtos.

A busca pela veracidade surge por meio do investigar. A partir de pesquisas, busca por arquivos e documentos, contato com fontes,

confirmações com órgãos oficiais, etc. É o que guia o trabalho dos jornalistas. Sobre investigar, Reginato (2016, p. 219) complementa:

Com as possibilidades trazidas pela tecnologia para apresentação de dados, o jornalismo pode apresentar documentos públicos para que os leitores acessem os originais e possam também fazer a inspeção e compreender o que foi investigado pelo jornalismo. Isso não substitui a explicação que o jornalista deve apresentar daquilo que investiga, mas pode complementar para assegurar ao leitor os procedimentos de investigação.

Até agora, vimos uma definição básica e geral do jornalismo. Observamos que ele possui diversas características, podendo variar conforme a sua plataforma. Ele também apresenta finalidades variadas, e a que parece ser central, ligando a missão da atividade com a sua atuação, é a investigação. É por meio da investigação que a atividade jornalística ganha força. É nela que surgem ideias, fontes, referências e pistas que ajudam a concretizar uma história. Em razão de entregar uma informação completa e verídica, o jornalismo é um trabalho que depende fortemente da investigação, pois é por ela que uma denúncia, por exemplo, se materializa.

Assim, o jornalismo investigativo passa todos os dias por esse desafio, mantendo uma **conduta ética**, para entregar um resultado com credibilidade, tendo ainda que buscar caminhos e alternativas diferentes. Com isso, a missão do jornalismo investigativo é “descobrir a verdade oculta e torná-la conhecida” (MARCET, 1997, p. 24).

A reportagem investigativa é mais trabalhosa e demanda mais **profundidade** (Noronha; Rocha, 2017). O **tempo**, segundo as autoras, é um elemento crucial que diferencia o jornalismo investigativo. Ele já apresenta sua importância no jornalismo habitual, mas ao invés de um imediatismo, surge a oportunidade e demanda por mais **cautela**. As autoras completam:

O jornalismo investigativo resulta em reportagens de “mais fôlego”, que exigem do jornalista uma maior dedicação no levantamento de dados, entrevistas, observação direta, bem como na checagem e na recheagem das informações, demandando mais tempo no processo de produção, com objetivo também de conferir a precisão dos dados e informações. (NORONHA; ROCHA, 2017, p. 6).

Fortes (2005) afirma que o diferencial deste tipo de reportagem surge na sua complexidade: “Exige talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte.” Essas características levam esse tipo de jornalismo a ter um caráter de incerteza. O acesso de documentos e também a disponibilidade de aproximação de fontes

podem mudar. Como Serpa (2015, p. 10) afirma, “no trabalho de investigação, muitas hipóteses podem não ser confirmadas, ou ainda pode ser que as informações que estão sendo apuradas ganhem novos rumos”.

Protest (1991) explica que a *Investigative Reporters and Editors (IRE)*, organização de mais de 3000 jornalistas, define que existem três elementos básicos para que uma reportagem possa ser considerada investigativa: “deve ser trabalho do repórter, não uma reportagem sobre a investigação feita por outra pessoa; o tema deve ser de relativa importância para o leitor ou o espectador; e que outros estão tentando esconder esse assunto do público” (PROTESS, 1991, p. 5, tradução da autora).

Rocha e Noronha (2015) afirmam que o jornalismo investigativo é uma parte do jornalismo cada vez mais específica e cujo trabalho vem sendo sustentado pelos direitos de acesso à informação. Todavia, ressalvam:

Isso não significa que há uma maior facilidade ou mesmo transparência na obtenção das informações, ainda hoje depara-se com sonegação de dados, censura e violência contra jornalistas. Tampouco pode-se considerar que procedimentos de apuração que exigem maior rigor, investigação e sistematização são filhos da contemporaneidade e da sociedade em rede (ROCHA; NORONHA, 2015, p. 22).

Para mostrar a relevância dessa prática, Cleofe Monteiro de Siqueira (2005, p. 15) defende que existe uma diferença entre jornalismo investigativo e o habitual:

Embora qualquer prática jornalística pressuponha alguma investigação, há uma categoria que se diferencia das outras - pelo processo de trabalho profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais -, definida como jornalismo investigativo.

A apuração é a prática que leva o jornalista a encontrar suas respostas. Não existe uma fórmula completa e determinada que funcione em todos os casos. Cada um parte de uma situação e tem o seu percurso diferente de outros. Mas existem alguns padrões que podem ajudar o jornalista a chegar a seu resultado. Um primeiro passo simples e básico é a **busca por informações e dados** sobre o caso que estão disponíveis até o momento. No livro “A Investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos” Hunter (2013) apresenta a importância de começar por fontes abertas. Estas são notícias, publicações de interesse especial, publicações



acadêmicas e mídias de atores interessados. Ele apresenta a seguinte hipótese:

Começamos com algumas pistas ou fatos. Lançamos uma hipótese sobre os fatos que ainda não sabemos. Buscamos confirmação de nossa hipótese por meio de fontes abertas. Perguntamos a pessoas que possam completar as informações encontradas em fontes abertas (HUNTER, 2013, p. 31).

A busca por confirmações de hipóteses pode ser feita por meio do **cruzamento de informações**. Ele acontece observando a fala de mais de uma fonte e relacionando o que é dito com as informações que o repórter já possui. É o que Maia e Barretos (2017, p. 2) afirmam sobre o trabalho de um jornalista ao encontrar o primeiro sobrevivente de um fuzilamento em Buenos Aires em 1956:

Ainda que o jornalista explore documentos em sua investigação, a constituição dessa narrativa baseia-se, especialmente, no cruzamento dos testemunhos dos sobreviventes e de outras testemunhas secundárias, usadas de forma a confirmar as versões apresentadas.

Mas técnicas e fórmulas variam de acordo com aquilo que está disponível para o repórter. É o que Pereira (2006, p. 71) afirma que será o diferencial de cada profissional: “O que distinguirá o jornalista serão os passos que der para atingir o ‘disponível’ que chamamos de real, seus critérios para não se deixar levar por falhas de percepção, pela rotina produtiva, pelo engano de fontes. É a sua disciplina de verificação.” Sobre a verificação, ele acrescenta:

O rigor na apuração de informações deve partir de premissa muito simples, nem sempre considerada: cada afirmação, de cada linha, só deve ser mantida depois de respaldada. Apurar pode resumir-se a um jogo de evidências confrontadas a outras. Só a consistência delas garante o relato, mesmo que saibamos que tal consistência foi obtida pela posição de relatos que corroborem uma mesma versão (PEREIRA, 2006, p. 72).

O autor ainda completa que uma apuração deve ser bem organizada no seu planejamento e em sua revisão. Devem-se buscar fontes que apresentem relevância para a reportagem e que tenham credibilidade para sustentar suas falas. Hunter (2013) ainda aborda a seriedade que um jornalista deve ter ao obter contato com uma fonte humana. É necessário ter em mente qual relação que vai ser criada e o quanto o jornalista deseja revelar à fonte sobre o que está trabalhando. E sobre a motivação, ele diz (2013, p.44): “Não importa qual

deve ser a motivação particular. Importa se ela é compreensível e convincente.”

Durante o processo de apuração é fundamental que seja feito uma busca por uma documentação clara. Como Fortes (2005, p. 31) afirma:

Muitas vezes, não é de uma fonte ou de um documento que se obtém a informação, mas do cruzamento de vários deles. Os dados estatísticos devem ser lidos com cuidado, pois escondem tratamentos técnicos e avaliações que passam despercebidos pelos leigos.

Noronha e Rocha (2017) ainda ressaltam que um levantamento de documentos deve ser ainda mais preciso quando se trata de fontes *off the record*. Sequeira (2005, p. 92) afirma que esse processo deve se dar no início de uma apuração, para o jornalista conhecer aquilo que vai ter maior acessibilidade e também o que poderá atrapalhar o seu trabalho. Ela completa:

É sua obrigação ter em mão provas documentais e toda informação pertinente ao tema. Enfim, mesmo que momentaneamente, o jornalista deve se converter em um *expert* no assunto que irá reportar - ou, pelo menos, ter em mãos os fatos essenciais que o levem a compreender exatamente o que está acontecendo (SEQUEIRA, 2005, p. 93).

**A relação que o repórter mantém com as fontes** também é essencial para a prática do jornalismo investigativo. As fontes são fatores determinantes na hora de sustentar um caso. Por meio delas, junto com a documentação, uma hipótese pode ganhar força. Por isso, a relação entre ela e o repórter deve ser estabelecida e mantida de forma clara. Schmitz (2011, p. 14) destaca:

As fontes, por interesse próprio, tratam de informar a sociedade sobre as suas ações ou impedir que se espalhe uma versão inconveniente. O jornalista, no papel de selecionador, considera se o fato é notícia ou não, ou seja, se interessa ou não ao seu público e vêem as fontes como colaboradoras da produção jornalística.

Fortes (2005) ainda resalta a importância de seguir aquilo que é estabelecido com a fonte: se a informação for em *off*, deve se manter em *off*, por exemplo. O jornalista investigativo não deve deixar de fazer a **checagem de informações** que surgem por meio de uma fonte. Noronha e Rocha (2017, p.10) ressaltam essa importância: “E em reportagens investigativas, em que normalmente a fonte pede para não ser identificada, confirmar a informação antes de publicar é um dever do jornalista, pois as pautas tratam de denúncias”.

O **papel do jornalista** é ponto crucial para a manifestação desta particularidade da profissão. É o que Fortes (2005) considera como um trabalho muito mais próximo ao policial do que o jornalístico, por conta das bases éticas que são manifestadas. Por vezes essas podem ser questionadas. O papel do jornalista, na hora de fazer uma apuração investigativa, deve ser mais atento e mais rigoroso. O autor ainda reforça que existem diversos debates que surgem quanto às ações que um profissional pode ou não cumprir: “A tentação de se descobrir a verdade, ou dela se apropriar como trunfo, pode levar as redações a optarem por todo tipo de meio investigativo, legal ou não, graças à velha máxima de que os fins justificam os meios”.

Neste item foram apresentados os conceitos de jornalismo de maneira que ajudasse a distinguir o jornalismo habitual do jornalismo investigativo. Como Machado e Palacios (2003) ressaltaram, o jornalismo vive hoje muito com a base de instantaneidade. Essa pode ser uma das principais diferenças para uma reportagem investigativa. O tempo é um processo mais lento no jornalismo investigativo, como Noronha e Rocha (2017) afirmam. Isso se deve a complexidade que a investigação requer, como apresentada por Fortes (2005). Mas também ao cuidado no **cruzamento de informações**, onde, de acordo Maia e Barretos (2017), uma cautela maior é necessária. A relação com as fontes também deve ser priorizada, conforme Schimtz (2011) e tudo isso deve ser ligado às **bases éticas** (Fortes, 2005).

A partir da revisão da definição de jornalismo investigativo e de suas características, destacamos algumas categorias que o distancia do jornalismo habitual. Essas vão ajudar a compreender no capítulo 4 o trabalho de Ronan Farrow. Como se elas fossem pilares para sustentar a pesquisa. Os tópicos, organizados em ordem alfabética de maior relevância dentro do jornalismo investigativo, são:

**Tabela 1** – Destaque de categorias do jornalismo investigativo

<b>Categorias</b>	<b>Autores</b>
Bases éticas	Fortes (2005)
Busca por informações	Hunter (2013)
Cautela	Maia; Barretos (2017)
Checagem de informações	Noronha; Rocha (2017)
Cruzamento de informações	Maia; Barretos (2017), Fortes (2005), Noronha; Rocha (2017)
Papel do jornalista	Reginato (2016), Schmitz (2011), Noronha; Rocha (2017)
Profundidade	Noronha; Rocha (2017)
Relação com fontes	Hunter (2013), Schmitz (2011)
Tempo	Noronha; Rocha (2017), Fortes (2005)

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

## 2.2 A ÉTICA NO JORNALISMO INVESTIGATIVO

Toda a prática deve ser guiada por uma conduta ética. Mas quais são as abordagens éticas no jornalismo? A ética surge desde debates do respeito à vida privada versus assuntos de interesse público, e também em questões das ações práticas de jornalistas. Sobre vida privada, Karam (2014, p. 66) utiliza uma hipótese sobre uma figura do governo como exemplo:

É muito difícil defender estritamente a privacidade de uma personalidade pública, como o presidente da República, se a dimensão de sua privacidade se dá em momentos em que o indivíduo presidente da República toma atitudes com repercussão na esfera do cargo público, com desdobramentos ativos na sociedade.

Christofoletti (2008) lembra que os efeitos de decisões éticas resultam no cotidiano e por isso deve-se prestar atenção nela. O jornalismo investigativo é pilar essencial na defesa do **interesse público**, ou seja, daquilo que a população tem direito de ter conhecimento. Por isso, quando suas ações são postas em prática, surgem questionamentos do que um repórter pode ou não fazer, de quais são os limites éticos que existem e o que determinam essas questões. Martino e Silva (2013, p.15) lembram:

Por suas características específicas vinculadas à revelação de fatos, a um pressuposto maior compromisso com o interesse público e com a fiscalização dos poderes constituídos, o jornalismo investigativo parece ocupar uma posição à parte no campo profissional, sendo

dotado de um sistema normativo específico – embora mantendo sua referência ao todo – de procedimentos consagrados.

Aldé, Barretos e Xavier (2004, p. 4) afirmam: “Entendemos como discurso ético a definição, pelos próprios jornalistas, de sua atividade profissional em termos de um ideal normativo.” Seriam, então, conhecimentos atribuídos pelos jornalistas que influenciam na maneira de realizar o seu trabalho. Dessa forma, a ética surge em cada etapa da atividade jornalística, começando pelo momento em que as pautas são escolhidas.

Sobre a prática, questiona-se como a **conduta ética** surge nos jornalistas e quem deve ser o responsável por ensinar “bons morais”. Christofolletti (2008) defende que a ética está em todos os lugares e que não cabe a um determinado espaço a ensiná-la, mas que ela pode ser praticada, como em trabalhos em faculdades que façam o aluno refletir sobre situações verídicas questionando os seus valores.

Karam (2004) afirma que os valores jornalísticos devem ser guiados pelos profissionais, sendo esses os responsáveis por sua disseminação. Ele completa:

Os valores, expressos em palavras, devem integrar o universo da categoria dos jornalistas, dos proprietários de veículos de comunicação, dos demais trabalhadores de informação, das fontes que fornecem informações de interesse público, do anunciantes etc. (KARAM, 2004, p. 91).

As fontes são fundamentais para a comprovação de um fato. É por meio delas também que um jornalista pode conseguir acesso a alguma informação determinante para uma história ou alguma outra fonte que possa lhe ajudar. Sobre isso, Christofolletti (2008, p. 50) ressalta: “A relação entre fonte e repórter é regida por alguma confiança mútua. A fonte acredita que sua versão não será distorcida ou pervertida. O profissional crê que as falas de seu entrevistado estão próximas do que efetivamente ocorreu”.

A relação entre o jornalista e a fonte apresenta tanta importância que ela é protegida pela Constituição brasileira<sup>1</sup>. No artigo quinto, inciso XIV, afirma-se:

---

<sup>1</sup> Visto que o principal objeto de estudo da pesquisa ocorreu nos Estados Unidos é importante observar como essa relação é averiguada no país. A Constituição americana afirma na primeira emenda que o congresso não pode fazer nenhuma lei que restrinja a liberdade de expressão ou a liberdade de imprensa. O direito de sigilo de fontes é, no entanto, defendido pelo o que é chamado de “*Shield Laws*”, em português, leis escudo. Essas defendem o direito dos jornalistas de não testemunharem sobre uma informação e/ou fonte de informação obtida durante o processo de apuração e divulgação de uma notícia. Essa legislação não é nacional,

“é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional”. Por isso a conduta ética de um jornalista está ligada diretamente com as suas ações.

Outro fator determinante por meio de quesitos éticos é de o repórter garantir que as informações que ele divulga são verdadeiras. Afinal, se uma reportagem investigativa apresentar uma denúncia é necessário que ela seja comprovada. Por isso, a **checagem de informações** é um fator determinante na hora de publicar uma matéria, ainda mais nos dias de hoje, visto que a internet possibilita uma grande diversidade de informações. A falta de **verificação de fatos** pode levar a erros, o que Carvalho (2018, p. 224) ressalta:

No caso do jornalismo, o erro é um produto não apenas de caráter técnico, mas também tem implicações éticas. Quando o repórter erra, afeta não só a qualidade do seu produto do seu trabalho, mas quem ele é dirigido (o público, que acaba sendo privado da informação correta e precisa), e não raro, afeta também a terceiros, como as fontes, cujos nomes foram trocados ou cujas falas foram truncadas.

Para organizar e buscar alinhar a conduta ética existe o Código de Ética dos Jornalistas. Organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), nele é apresentado aquilo que é visto moralmente como de função do profissional de jornalismo. O capítulo II apresenta os tópicos relacionados à conduta profissional do jornalista, e o capítulo III o que está relacionado à responsabilidade profissional. Os incisos mais relacionados à conduta em relação a uma reportagem investigativa são os que falam de divulgar informações de interesse público, de não colocar em risco a integridade de fontes, de combater e denunciar todas as formas de corrupção, e também os que tratam da maneira que as informações foram obtidas, da busca de provas de informações, da contra-indicação de aceitar imagens alteradas, entre outros. Nos Estados Unidos, a *Society of Professional Journalists* (em português: Sociedade dos Jornalistas Profissionais) também organizou um código de ética. Nele, é visto como um dever do jornalista: ter responsabilidade sobre a veracidade de seu trabalho, buscando sempre a verificação dos fatos; resguardar a identidade de fontes; explicar suas escolhas e processos éticos

---

e sim estadual, podendo variar conforme o estado. Em Nova York e na Califórnia, onde aconteceu a maior parte do trabalho de Ronan Farrow, existem tanto as “*Shield Laws*” como também o reconhecimento desse direito pelos tribunais. Dos 50 estados americanos, somente Wyoming não possui nenhum tipo de lei que garanta essa proteção.

para o público; expor condutas vistas como não éticas no jornalismo, incluindo nas organizações em que trabalham etc. No entanto, Christofolletti (2011, p. 29), faz um alerta:

Embora contem com legitimidade corporativa e mantenham uma relevância social, os códigos de ética são bastante limitados em sua aplicação e funcionamento. O estabelecimento de valores de uma comunidade e a sua expressão na forma de código não garante, por exemplo, que seus membros tenham melhores atitudes. Diferente das leis que têm um regime compulsório, os códigos são instrumentos de aconselhamento e de orientação. Dependem da consciência das pessoas a que se dirigem; dependem do fator humano.

Uma das reportagens investigativas mais conhecidas, o caso Watergate em 1974, investigado pelos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, mostrou a conduta ética dos jornalistas na questão de não revelar a identidade da sua maior fonte de informação. “Garganta Profunda” foi como essa fonte ficou conhecida. Em 2005, a fonte decidiu revelar sua identidade. Era W. Mark Felt, vice-diretor do FBI nos anos 1970. A relevância desse exemplo é mostrar que a conduta existe, é ensinada e até protegida por Constituições, mas cabe ao indivíduo profissional executá-la de maneira justa.

Carvalho (2018) afirma que as condutas são determinadas também pelos veículos de comunicação que impõem práticas éticas. Ele realça os seguintes pontos como os mais utilizados:

Verificação dupla das fontes; oportunidade de “direito de resposta”; respeito à privacidade das pessoas, particularmente em momentos de tristeza, doença ou choque; proteção aos vulneráveis, por exemplo, crianças; não uso de subterfúgio para conseguir informação, como o uso de dispositivos de gravação escondidos. Porém, os jornalistas têm o direito de violar essas diretrizes em casos de grande interesse público (o interesse público é em si um forte princípio ético); respeito aos direitos autorais de outras fontes (CARVALHO, 2018, p. 210).

Para as reportagens investigativas, cabe então ao jornalista julgar com o seu **senso ético** aquilo que determina como certo ou errado. Escolher os limites que vai tomar na sua investigação, como vai executá-la e como vai ser sua relação com as fontes. Por meio de sua responsabilidade como profissional, conforme Karam (2004) ressalta. A ética afeta diretamente o dia a dia das pessoas. Por isso no jornalismo investigativo ela é tão determinante, como lembra Christofolletti (2008). Os jornalistas devem entregar ao público um conteúdo do qual a sua veracidade seja comprovada, pelo o que Carvalho (2018) mostra como essencial, a **verificação de fatos**. Além disso, a confiança

na fontes, de acordo com Christofolletti, deve ser uma relação em que os dois lados estejam segurados do que fazem.

Após a análise aqui feita sobre a ética no jornalismo investigativo, foram destacadas categorias vistas como as mais cruciais para esse tipo de jornalismo. Os aspectos serão utilizados para ajudar a compreender as condutas éticas durante o processo de construção da reportagem de Ronan Farrow, que vai ser observado no capítulo 4. São eles, organizados em ordem alfabética:

**Tabela 2** – Destaque de categorias da ética no jornalismo investigativo

<b>Categorias</b>	<b>Autores</b>
Confiança mútua entre o jornalista e o público	Christofolletti (2008)
Execução da conduta ética de forma justa	Christofolletti (2008), Karam (2004)
Verificação dos fatos	Carvalho (2018)

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

### 2.3 OS RISCOS ENFRENTADOS PELOS JORNALISTAS

O jornalismo investigativo apresenta os seus debates internos quanto à conduta ética, mas ele é claro que tudo deve ser guiado pela missão de entregar informação verídica. Porém, existem dificuldades que vão além da ética. O trabalho dos jornalistas pode ser visto como uma ameaça pelo simples fato de entregar a verdade. De comentários, ameaças e até assassinatos, os jornalistas passaram a ser alvos. Patrícia Campos Mello<sup>2</sup>, jornalista da Folha de São Paulo, foi alvo de um comentário com insinuação sexual do presidente Jair Bolsonaro em que ele diz: “Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim.” Este foi considerado por muitas instituições jornalísticas como um ataque à democracia.

<sup>2</sup> Bolsonaro é processado por ofensas de conotação sexual à repórter Patrícia Campos Mello. **ISTOÉ**, 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/jair-bolsonaro-e-processado-por-ofensas-de-conotacao-sexual-a-reporter-patricia-campos-mello/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.



O linchamento online também passou a ser mais comum. Os jornalistas recebem críticas em seus perfis em plataformas de rede sociais online. Essas vão de comentários sarcásticos e podem chegar até racismo, por exemplo. Em março de 2020 a justiça brasileira condenou dois homens por crimes de racismo e injúria racial contra a apresentadora Maju Coutinho da TV Globo<sup>3</sup>. Os condenados organizaram a comunidade cibernética a qual participavam para que fosse até os perfis da emissora e fizesse comentários preconceituosos e discriminatórios contra a jornalista. Um dos homens líderes dessa ação foi sentenciado a seis anos de reclusão e o outro a cinco anos em regime semiaberto, mais multa.

Em 2017, a jornalista Vitória Famer<sup>4</sup> começou a sofrer perseguições após fazer uma entrevista com Arthur do Val, integrante do Movimento Brasil Livre (MBL). Ele havia sido detido após uma briga física em uma manifestação em Porto Alegre. Ela foi até a delegacia entrevistá-lo. Quando ela começou a questioná-lo, Arthur começou a gravar em vídeo a jornalista. Um dia depois o vídeo começou a circular nas redes sociais, só que com alguns cortes da fala de Famer. Os comentários começaram e continuaram por uma semana. A jornalista diz que “gente de todo país, que eu nunca tinha visto, começou a questionar o meu trabalho sem nunca nem ter lido a minha matéria na íntegra, que, na minha opinião, está clara” (PÚBLICA, 2017).

Outra situação foi em junho de 2020 quando um homem invadiu a sede da TV Globo no Rio de Janeiro e fez a jornalista Mariana Araújo<sup>5</sup> de refém. Ele entrou e começou a ameaçá-la, exigindo que deveria falar com Renata Vasconcellos, apresentadora do Jornal Nacional. A Polícia Militar apareceu rapidamente ao local e realizou a negociação para a soltura de Mariana e depois prendeu o homem.

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, Rodrigo; LARA, Wallace. Justiça condena dois homens por racismo e injúria racial contra a jornalista Maju Coutinho. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/09/tj-de-sp-condena-dois-homens-por-racismo-e-injuria-racial-contra-a-jornalista-maju-coutinho.ghtml>>. Acesso em: 27 de set. 2020.

<sup>4</sup> Pública. E quando o jornalista é vítima de perseguição?. **Pública**, 2017. Disponível em: <<https://apublica.org/2017/08/e-quando-o-jornalista-e-vitima-de-perseguiacao/>>. Acesso em: 03 out. 2020.

<sup>5</sup> G1 Rio. Homem é preso após invadir a TV Globo e fazer repórter refém; ninguém se feriu. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/10/homem-e-preso-apos-invadir-a-tv-globo-e-fazer-reporter-refem.ghtml>>. Acesso em: 03 out. 2020.

Em fevereiro de 2020 o jornalista Léo Veras<sup>6</sup> foi assassinado no Paraguai. Ele mantinha o site de notícias *Porã News* e frequentemente publicava reportagens que retratavam a situação do tráfico de drogas na região, fronteira entre o Brasil e o Paraguai. A sua morte destacou a situação de jornalistas que trabalham nesta área. Pires (2020) afirma que a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) informou que Veras começou a receber ameaças depois de investigar a morte de outro jornalista da região.

Esses são alguns exemplos de como o trabalho dos jornalistas vem sendo ameaçado. De acordo com o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) entre 2010 e 2019, 556 jornalistas foram mortos no mundo com motivo confirmado. Existem atualmente 248 jornalistas presos e 64 desaparecidos. Muitos desses foram ameaçados por estarem investigando situações de conflito, corrupção, entre outros, em suas comunidades.

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) criou uma cartilha para ajudar na proteção dos profissionais, principalmente nas redes sociais onde surgem cada vez mais ameaças. Nela, afirma-se que a desvalorização da imprensa é prejudicial para uma democracia. O jornalismo é um pilar importante em todas as sociedades, e o jornalismo investigativo faz parte disso. Por mais que não seja a tarefa mais simples, a investigação jornalística é crucial uma vez que a população tem direito à informação.

Além da falta de segurança, a credibilidade dos profissionais também está em risco. A quantidade de desinformação que circula na internet deu início a uma onda de questionamentos sobre os profissionais do jornalismo. A credibilidade é um fator determinante nesta profissão, visto que a veracidade dos fatos deve ser garantida pelos jornalistas. Christofolletti e França (2008, p. 47) afirmam: “Este é um tempo em que popularidade se confunde com reputação; em que confiabilidade e notoriedade parecem ser sinônimas; em que quantidade e visibilidade se aproximam perigosamente de autoridade”.

Alguns especialistas declaram que este constante aumento na descredibilidade dos jornalistas deve-se a crise que a profissão vem passando nos últimos anos. Segundo Gomes (2018 citado por Mello, 2018): “Se o

---

<sup>6</sup> PIREZ, Breiller. Morte de jornalista joga luz no cerco a profissionais na fronteira com o Paraguai. *El País*, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-13/morte-de-jornalista-joga-luz-no-cerco-a-profissionais-na-fronteira-com-o-paraguai.html>>. Acesso em: 03 out. 2020.

cidadão acha que, para uma coisa gozar da credibilidade do jornalismo, basta parecer jornalismo, do ponto de vista da diagramação e da retórica factual, então, ele não distingue mais o que é jornalismo”.

A imprensa dos Estados Unidos, onde ocorreu o objeto aqui pesquisado, teve os quatro últimos anos complicados por conta do presidente Donald Trump<sup>7</sup>. Foram constantes ataques e desmerecimento da profissão.

O Relatório de Situação de Mídia de 2019 afirmou que as maiores preocupações dos jornalistas nos dias de hoje “são redes sociais e influenciadores ultrapassando as mídias tradicionais, recursos limitados e fake news” (PRNewswire, 2019). Para ajudar a manter a credibilidade do jornalismo e a diminuir a circulação de informações, começaram a surgir cada vez mais agências de checagem de informações. Spinelli e Santos (2018, p. 778) destacam a importância dessas hoje:

As iniciativas de fact-checking são fundamentais para que a imprensa crie consciência - e parta para ações efetivas - de que para enfrentar a disseminação de notícias falsas, o jornalismo profissional deve assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias e deixar transparente os métodos de apuração para que os leitores entendam como as notícias foram checadas.

Dos perigos enfrentados hoje ainda existe a questão dos constrangimentos que os jornalistas passam. Um deles é em situações legais, podendo ser em situações que questionam o trabalho final feito pelo profissional ou que questionem suas ações durante o momento de trabalho. Um exemplo é do jornalista sueco Fredrik Örnevall, julgado por ajudar um menino sírio de 15 anos a emigrar na Suécia. Em um momento de trabalho, o repórter junto com mais dois profissionais conheceram o jovem e ao compreender a situação decidiram ajudá-lo. Fredrik afirma que a decisão de ajudar partiu dele considerando se como viveria sabendo que não ajudou (VEJA, 2017). Ele, junto com os outros profissionais, foram condenados e tiveram pena de liberdade condicional e 75 horas de serviço comunitário. Outra situação foi do jornalista Ahmed Abba. Ele foi preso em julho de 2015 no Camarões depois de cobrir as atividades do grupo terrorista Boko Haram. Segundo a Reporters Without Borders (2017), depois de ficar preso por 29

---

<sup>7</sup> Trump ataca imprensa após notícia de não pagamento do IR por vários anos. **Valor Econômico**, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/09/28/trump-ataca-imprensa-apos-noticia-de-nao-pagamento-do-ir-por-varios-anos.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

meses Ahmed deveria estar qualificado para a liberdade imediata. Contudo a sua liberação não foi tão simples. A *Reporters Without Borders* afirma que ele foi vítima de uma conspiração judicial. Ahmed Abba foi solto em dezembro de 2017.

A parte financeira do jornalismo também vem sofrendo consequências nos últimos tempos. Em diversas redações as determinações do que vai ou não ser publicado surge por meio daquilo que é rentável. Manifesta-se a questão dos jornais de entregar o interesse público ou o interesse do público, afetando projetos em andamento ou que irão surgir. Segundo Lopes (2016, p. 70):

Em clima de enfraquecimento financeiro dos projetos editoriais, as redações nem sempre dispõem de recursos para verificarem certos dados, nem os editores sentem força suficiente para não resistirem a certas pressões. E muitas vezes noticia-se aquilo que não passa de manipulação dos poderes dominantes. E abre-se de igual modo espaço para opiniões que muitas vezes apenas expressam uma pequena parte daquilo que é o pensamento de uma sociedade.

A partir dos exemplos destacados neste item é possível compreender as diversas situações que os jornalistas ao redor do mundo enfrentam simplesmente por buscarem a verdade. Ao processo a ser analisado no capítulo 4, os casos que mais estão ligados são os relacionados com o assédio online, com a falta de segurança ao exercer a profissão e também de questões ligadas aos constrangimentos legais e financeiros.

### 3 A INVESTIGAÇÃO DE RONAN FARROW

#### 3.1 GLOSSÁRIO DE PERSONAGENS

Para ajudar na compreensão da história da reportagem e de sua repercussão, apresentamos um glossário com os personagens presentes no livro “Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio” (2019) e as suas descrições. Essas são de acordo com o seu cargo profissional durante o processo de apuração e publicação da reportagem. Em ordem alfabética, são listados aqueles que vão ser citados na presente pesquisa:

**Tabela 3** – Glossário de personagens

<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>
Andy Lack	Presidente da NBCNews
Ambra Gutierrez	Modelo, vítima de Harvey Weinstein e fonte de Ronan Farrow
David Remnick	Editor da <i>The New Yorker</i>
Harvey Weinstein	Produtor de cinema e fundador da <i>Miramax</i> e da <i>The Weinstein Company</i>
Ken Auletta	Jornalista da <i>The New Yorker</i>
Kim Harris	Conselho Geral da NBC
Noah Oppenheim	Produtor Sênior do <i>Today Show</i> da NBC
Rich McHugh	Produtor de TV do <i>Today Show</i> da NBC
Richard Greenber	Supervisor Editorial do <i>Today Show</i> da NBC
Ronan Farrow	Jornalista, autor da reportagem e do livro analisado na pesquisa
Rose McGowan	Atriz, vítima Harvey Weinstein e fonte de Ronan Farrow
Stephen Burke	Presidente da NBCUniversal

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

### 3.2 A REPORTAGEM

No dia 10 de outubro de 2017, uma matéria na revista *The New Yorker* revelou um segredo abafado em Hollywood: comportamentos agressivos e assédios sexuais de Harvey Weinstein, um dos maiores e mais reconhecidos produtores de cinema. Sua empresa *Miramax* fez filmes como “Shakespeare Apaixonado” e “Pulp Fiction”. No Brasil, foi o responsável pela distribuição de “Cidade de Deus”. Em paralelo ao sucesso e reconhecimento, seu comportamento abusivo e predatorial apareciam para diversas pessoas, fossem elas secretárias ou produtoras de sua empresa, até atrizes aspirantes. Como no cotidiano de muitos jornalistas, Ronan Farrow, autor da matéria, debatia pautas no seu lugar de trabalho, a rede de comunicação NBC. A ideia era de mostrar as histórias que Hollywood não queria que fossem vistas, como de racismo, pedofilia e assédio. O que seguiu foram meses de apuração, negociações, entrevistas, impedimentos pelo setor legal, ameaças e espionagens até a reportagem ser publicada, não pela NBC, mas pela revista *The New Yorker*.

Farrow cresceu recebendo atenção da mídia por conta de seus pais. Sua mãe, Mia Farrow, é uma atriz conhecida em Hollywood. Seu pai Woody Allen é um famoso diretor de cinema, que é conhecido também por ter se casado com a filha de Mia Farrow de outro relacionamento e por ter tido alegações de abuso sexual feitas por sua filha Dylan Farrow (FARROW, 2019 p. 11). Allen nega todas as acusações.

Farrow se formou em direito pela Universidade de Yale e trabalhou junto ao governo de Barack Obama como um conselheiro das relações do país com a sociedade civil do Afeganistão e Paquistão. Em seguida, passou a trabalhar com Hillary Clinton, então Secretária de Estado, como seu assessor de questões globais da juventude. Ao sair do governo, voltou a estudar e completou o doutorado em 2018. Começou a escrever para diversos veículos de imprensa e passou a viver como jornalista. Ele chegou na NBC em 2015 apresentando um programa chamado “*Ronan Farrow Daily*” e produzindo matérias especiais para o programa matinal da rede, o “*Today*”. O programa próprio dele foi cancelado, mas ele ficou no matinal (FARROW, 2019 p. 11).

Sobre as acusações de seu pai, Farrow sempre evitou comentar sobre o assunto. Em 2016, o *Hollywood Reporter* publicou um perfil de Woody Allen onde o tópico de assédio quase não foi mencionado. A revista recebeu uma resposta negativa dos leitores pela publicação e a editora pediu para que o jornalista escrevesse uma resposta. Ele entrevistou sua irmã Dylan e entrou em detalhes sobre o que aconteceu e o caso que seguiu. A reportagem, publicada como uma coluna foi intitulada, em tradução livre, de: “Meu pai, Woody Allen, e o perigo de perguntas não feitas”.

Na sala de seu chefe, Noah Oppenheim, que era encarregado pelo programa, Farrow sugeriu uma matéria relacionada com o “teste do sofá”, termo que faz referência a profissionais que são assediados ou que recebem ofertas de sexo como “troca de favores” no trabalho. Noah sugeriu que ele olhasse um *tweet* da atriz Rose McGowan, pois ele lembrava que ela havia relatado algo do tipo. Oppenheim tinha ligação com Hollywood. Ele havia escrito o roteiro do filme *Jackie* de 2016. Durante o processo da reportagem, Ronan teve a parceria em diversos momentos com o produtor de TV Rich McHugh.

### 3.3 AS DIFICULDADES

O processo de apuração começou no instante que ele buscou o que Rose teria afirmado. Ele foi atrás de fontes que poderiam falar algo relacionado, todavia ninguém queria dizer nada: “não posso te ajudar”, disse uma produtora à qual Ronan buscou informações. E ele ficou assim por algum tempo. O jornalista afirma em seu livro “Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio” (2019) que acredita existir uma rede de proteção para pessoas de poder como Weinstein. Não exclusivamente em Hollywood. Em entrevista ao *talk show* americano “*The Late Show with Stephen Colbert*”, Farrow afirmou que esse tipo de proteção existe para qualquer pessoa em alguma posição de poder e que tenha dinheiro.

Mas por que as vítimas não denunciariam o assediador? Uma pesquisa intitulada “Violência Contra as Mulheres”, feita no Brasil, afirma que apenas 22% das vítimas entrevistadas denunciaram os seus casos em um órgão oficial

(ZAREMBRA, 2019). O grande empecilho é o medo. De acordo com psicóloga Arielle Sagrillo-Scarpatti, da Universidade de Kent, existe uma organização da sociedade por trás disso: “São normas, comportamentos e práticas sociais que permitem que esse tipo de violência aconteça e que, quando aconteça, a responsabilidade seja transferida do agressor para a vítima” (MOREIRA, 2017).

Ainda no início de sua jornada de mais de 10 meses de apuração, Ronan decidiu que deveria pesquisar se seus pais haviam trabalhado com Weinstein. Ele descobre que sim. Junto com seu supervisor editorial, Richard Greenberg, eles percebem que não havia nenhum tipo de ligação importante. Podendo dar seguimento a sua matéria, Farrow entra em contato com Rose. Em uma conversa, ele pergunta se ela estaria disposta a afirmar diante uma câmera que Harvey era o homem que havia a estuprado. O processo de negociações com fontes foi algo que o jornalista abordou cautelosamente. Ele buscava que as fontes fossem dar entrevistas gravadas e que dessem os seus relatos. As gravações poderiam ser com as fontes sem mostrarem o rosto. Para conseguir mais fontes ele ia atrás de contatos que sabia que poderiam ter ligações com o fundador da *Miramax* e, pouco em pouco, foi chegando a alguns nomes. Aquelas que aceitavam conversar, Ronan negociava uma conversa, e depois uma entrevista gravada.

Foi assim que Ronan chegou em Ambra Battilana Gutierrez, fonte que acabou sendo crucial para a matéria. Gutierrez tinha sido assediada por Weinstein em 2015, em Nova York. Ela se dirigiu para a polícia. Lá eles elaboraram uma estratégia e Ambra concordou em ver Harvey no dia seguinte, só que desta vez usando uma escuta. No dia determinado, Ambra conseguiu gravar o produtor dizendo que “estava acostumado” com a situação que ocorreu no outro dia, em um tom agressivo. A polícia abriu uma denúncia contra ele, que poderia sofrer penalidades que levariam ele a ficar preso por até três meses. Para surpresa da vítima, diversos jornais começaram a criar especulações de que ela havia sido uma prostituta no passado. Alguns policiais não entenderam qual seria a ligação do passado dela com o assédio de Weinstein. Duas semanas depois, o escritório da promotoria revelou que não faria queixas. Para impedir que Ambra fosse falar sobre o caso, os advogados do produtor fizeram um Acordo de não-divulgação, que serviria como um termo de confidencialidade no valor de 1 milhão de dólares. Ela assinou.



Em razão das pequenas linhas do contrato, Ambra teria que entregar as cópias da gravação que tinha e também todas as contas de e-mails. Para garantir que a gravação não fosse jogada fora, ela encaminhou para uma conta de e-mail que não usava e disse para os advogados que não se lembrava da senha. Em casa, ela abriu o e-mail, salvou a gravação em um computador e deletou do e-mail. No encontro com Ronan, ela mostrou a gravação e o contrato. Para não assustá-la, ele disse que divulgaria somente o que fosse confortável para ela. Demorou para que concordasse em aceitar divulgar a gravação. Durante a apuração, Farrow teve que fazer diversas negociações como essa. Ao longo do tempo e com mais fontes surgindo, cada vez mais mulheres aceitaram dar entrevistas. Parte do argumento de Ronan era que mais mulheres haviam falado e que aquela fonte não estaria sozinha.

Para conseguir a gravação crucial de Ambra, Rich McHugh sugeriu que Ronan gravasse com o celular ou algum aparelho de gravação externo o depoimento da escuta. Dessa forma, ela não iria se comprometer com uma quebra de contrato. Foi o que foi feito. Vale ressaltar que, na maior parte da pesquisa, a matéria estava sendo produzida como uma reportagem para a televisão, especialmente para o “*Today*”.

Em um dia qualquer, o jornalista recebeu uma mensagem com tom ameaçador no Instagram: “estou te observando”. E isso continuou acontecendo. Uma vez notou um carro com dois homens dentro estacionado na frente de seu apartamento. Viu de novo semanas depois. Em uma sequência de matérias dividida em três partes, publicada pela *The New Yorker*, Ronan explica que durante suas investigações foi seguido por dois espões, um russo e outro ucraniano. Ele acreditava que estes trabalhavam para a agência de investigação privada israelense “*Black Cube*” e que teriam sido contratados por conta de Harvey. De fato, o produtor havia feito isso e também havia contratado outra agência de investigação privada chamada “PSOPS”. Depois da publicação da matéria sobre Harvey Weinstein, Farrow tentou contato com a agência israelense, mas entre respostas que pareciam não ser plausíveis, ele conseguiu contato com o agente ucraniano. Igor Ostrovskiy contou como o seu trabalho era feito, confirmando as especulações do jornalista. Ele trabalhava para uma empresa que foi contratada pela “*Black Cube*”, mas acabou não concordando com a maneira que essa exigia que as coisas fossem feitas. Para

ele, o que ele fazia era legítimo, mas a “*Black Cube*” fazia com que as coisas parecessem ilegais.

Quando coletou o que ele julgava como uma boa quantidade de informações para sustentar sua apuração, incluindo uma denúncia de estupro e mais uma gravação de Weinstein admitindo um comportamento predatório, Ronan e McHugh começaram a mostrar para Noah Oppenheim o que tinham. Noah questionou a credibilidade das fontes e da gravação por não considerar a pauta válida para um programa de televisão que atinge todo o país. Mas os repórteres achavam que já tinham conteúdo suficiente para procurar Harvey Weinstein e pegar um comentário de resposta (FARROW, 2019, p.192). Noah afirmou que só depois que a equipe de advogados olhasse todo o conteúdo isso seria possível. Ele dizia que queria garantir que nenhuma fonte ia ter quebra de contratos com Weinstein.

Aproveitando o seu entendimento de direito, ele afirma que não havia sentido passar por uma equipe legal antes de publicar. Como argumento, ele diz que grande parte das matérias de política não iria ao ar se fosse assim. Ronan foi requisitado para parar de investigar. Primeiro quem pede é Noah, depois, apesar de surgirem mais fontes e mais informações, quem pede é Richard Greenberg. Aos poucos, percebe-se que os advogados de Weinstein estavam buscando maneiras de impedir que a matéria acontecesse. A situação de análise se a reportagem deveria ou não ser publicada chega a Andy Lack, que era o coordenador do canal de notícias da NBC, a NBCNews. Chega a ir parar até na NBCUniversal, que é a matriz da empresa. Todos, ao longo dos meses, pediram para que a matéria fosse colocada “em pausa”.

De acordo com Farrow (2019), entre desacordos e mais desacordos com seus superiores, Greenberg deixa aberto a possibilidade dele publicar a matéria em outro lugar. De início, ele luta contra a sugestão. Até perceber que a NBC não iria mudar de posicionamento. O maior argumento da empresa era que Harvey havia os alertado que, por ele ter trabalhado com os pais de Ronan, havia um conflito de interesses na situação. Durante a apuração, o jornalista buscou apoio de algumas informações em advogados que conhecia. Por meio de Ken Auletta, um jornalista, que nos anos 90 tentou apurar a história de acusações sobre Harvey Weinstein, ele conhece David Remnick, editor da revista “*The New Yorker*”. David deixou claro que se a NBC não

publicasse, que Ronan teria outro lugar para publicar. McHugh ajudou Ronan a ter uma cópia de todas as gravações que ele fez com a NBC. No momento em que ela disse que não queria mais envolvimento com a história, a situação do jornalista já estava complicada. Seu contrato era para ser renovado, mas não foi.

Até então Ronan tinha, de acordo com seu livro, cinco depoimentos diretos de que Harvey Weinstein teria cometido algum tipo de assédio com as fontes. De ofertas inadequadas no local de trabalho até duas alegações de estupro.

### 3.4 A REPERCUSSÃO

Dias antes de ter sua reportagem publicada na revista, uma reportagem de Jodi Kantor e Megan Twohey surge no *The New York Times*, afirmando que Weinstein havia pago durante décadas quem o acusava de assédio. Em seguida, Ronan publicou o que ele tinha. A reportagem foi dividida em 10 sessões. Na primeira o autor contextualizou o assunto. Nas oito seguintes, ele apresentou em cada uma um relato de uma fonte. E na última ele contou que nos meses prévios à publicação, as fontes receberam contato do time legal e de relações públicas de Harvey Weinstein.

Na publicação final, Farrow diz que 13 mulheres falaram com ele e acusam Weinstein de ter assediado ou abusado sexualmente delas. Dessas 13, três acusam ele de estupro. Outras 16 pessoas, sendo essas secretárias e executivas que haviam trabalhado, ou trabalhavam até o momento da publicação da matéria, nas empresas dele, confirmaram que haviam testemunhado ou tinham conhecimento de comportamento inadequado por parte dele em eventos relacionados a filmes ou ao lugar de trabalho.

Não demorou muito e Harvey Weinstein recebeu mais acusações. 106 mulheres o acusaram de assédio ou abuso sexual e 19 o acusaram de estupro. Em outubro de 2017 os departamentos de polícia de Nova York, Los Angeles e Londres começaram a investigar o produtor. Inquéritos foram abertos e os casos começaram a ser julgados. Em Nova York, ele passou por mais de um julgamento e em março de 2020 foi condenado a 23 anos de prisão. Os julgamentos em Los Angeles e Londres ainda aguardam uma conclusão.

Weinstein foi expulso da academia do Oscar e da empresa que ele criou, a *The Weinstein Company*.

A NBC, de acordo com a *Business Insider*, nega que possa ter abafado ou desencorajado a matéria em qualquer momento. Ronan Farrow, Jodi Kantor e Megan Twohey receberam o prêmio Pulitzer em 2018 por suas prestações de serviço público.

Em maio de 2020 uma matéria publicada no *The New York Times* criticou Ronan Farrow e sua maneira de trabalhar com o jornalismo. Ben Smith, o autor da matéria, intitulou ela de “*Is Ronan Farrow Too Good to Be True?*”, traduzido para o português: “O Ronan Farrow é bom demais para ser verdade?”. O autor afirma que os relatos apresentados no livro “Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio” são muito dramáticas, como se fossem para ser cinematográficas. O texto é extenso e segue na linha de crítica, onde Smith destaca o que acredita que sejam falhas de Farrow, como por exemplo, criar teorias conspiratórias que ele não pode comprovar. Ele ainda conversa com fontes que participaram da apuração de Farrow, para tentar descobrir algumas informações. O destaque é para quando Smith entra em contato com Sean Lavery, que foi o checador de informações do livro, para entender o porquê que eles não entraram em contato com uma possível fonte. A resposta de Sean é que a informação em questão parecia ser boa o suficiente e que seria comprovada por outras evidências.

Outra acusação surgiu por meio de Matt Lauer, ex-âncora da NBC, demitido por acusações de assédio. Ele afirma que o jornalismo de Farrow é tendencioso e de má qualidade. Também diz que isso não é único aos conteúdos que fazem referência a ele. Sobre a coluna de Ben Smith, Ronan Farrow afirma que defende a sua reportagem. E sobre as acusações de Matt Lauer, ele diz que todas as informações do livro foram checadas e revisadas, incluindo com Lauer.

Com as acusações das vítimas nas reportagens, desencadeou-se o que é chamado de “*Weinstein effect*”, em português “efeito Weinstein”, uma tendência que se espalhou pelo mundo onde comportamentos abusivos e predatórios de homens em qualquer ambiente são divulgados. Isso impulsionou dois movimentos contra assédio e abuso sexual, o “*Me Too*” e o “*Time’s Up*”. O “*Me Too*” começou a viralizar nas redes sociais com a hashtag *#metoo* em

outubro de 2017, como uma maneira de mostrar a quantidade expressiva de casos de agressão sexual e assédio a mulheres, principalmente no trabalho. O “*Time’s Up*” surgiu em janeiro de 2018 como um movimento de apoio “*Me Too*”. Os dois promovem ações contra situações de assédio e abuso e o “*Me Too*” conta com apoio financeiro para vítimas e o “*Time’s Up*” com apoio de um fundo de defesa legal. Esses dois movimentos impulsionaram para que diversas acusações surgissem contra figuras públicas. Atores como Kevin Spacey, Dustin Hoffman e Louis C.K, o chefe de cozinha Mario Batali e também o apresentador do “*Today*” da NBC, Matt Lauer, receberam acusações e sofreram consequências.

No Brasil, cada vez mais casos de assédio e abuso têm sido denunciados. O caso de João de Deus, por exemplo, surgiu no final de 2018, quando mais de 300 mulheres denunciaram o médium por assédio. Ele foi preso e condenado a 19 anos de prisão. Surgiu também o movimento “*#Exposed*”, onde mulheres reportam casos de abuso e estupros e dizem em qual cidade o caso aconteceu.

A reportagem de Farrow pode ser considerada um exemplo de “bom jornalismo” por seguir as diretrizes do que é visto como práticas eficazes da profissão. Por não existir uma técnica concreta de como fazer o jornalismo investigativo, o repórter guia-se pelo o que é mais usual e que já obteve sucesso anteriormente. Por exemplo, toda a sua investigação é norteadada pelo desejo de revelar uma verdade sobre uma parte de Hollywood abafada pelo poder da sociedade de proteger homens influentes. Como Reginato (2016, p. 219) afirma: “O jornalismo deve investigar os fatos detalhadamente, procurando informações exclusivas e buscando apresentar o que não está visível, surpreendendo o leitor.” Outro exemplo é a busca pelo “direito de resposta”. A busca pelos dois lados de um determinado caso, como Carvalho (2018) lembra, é um passo ético fundamental do jornalismo.

## 4 ANÁLISE

### 4.1 METODOLOGIA

Para realizar a análise sobre o processo de apuração e o comportamento ético de Ronan Farrow, e também a relevância do jornalismo investigativo nos dias de hoje, será realizada uma metodologia construída especificamente para a presente pesquisa. Inspirada na análise de conteúdo, o processo vai separar os tópicos principais do jornalismo investigativo e da ética no jornalismo em categorias para auxiliar na compreensão dos objetivos do trabalho.

A análise de conteúdo é uma metodologia utilizada por pesquisadores para desenvolver, compreender e avaliar um determinado objeto de estudo. As técnicas por vezes se diferenciam, sendo a mais utilizada a que foi desenvolvida por Laurence Bardin (1997). Segundo Silva e Fossá (2015, p. 3) ela é constituída da seguinte maneira: “Essas etapas são organizadas em três fases: 1) pré análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação”. A divisão por categorias é parte fundamental do que foi desenvolvido por Bardin. É por meio delas que é possível distinguir as características similares entre uma temática e outra:

No processo de escolha de categorias adotam-se os critérios semântico (temas), sintático (verbos, adjetivos e pronomes), léxico (sentido e significado das palavras – antônimo ou sinônimo) e expressivo (variações na linguagem e na escrita). Este processo permite a junção de um número significativo de informações organizadas em duas etapas: inventário (onde isolam-se os elementos comuns) e classificação (onde dividi-se os elementos e impõem-se organização) (SANTOS, 2012, p. 386).

Por compreender a técnica e a funcionalidade da análise de conteúdo, bem como sua complexidade potencial, observamos que, para realizar a metodologia deste trabalho, utilizamos as etapas construídas por Bardin como um horizonte referencial. De qualquer forma, a maneira como a metodologia desta pesquisa foi organizada é tão importante quanto na análise de conteúdo, onde surgem “indicadores que norteiem a interpretação final”, de acordo com Santos (2012, p. 385).

Assim, foram apresentadas, ao final de cada item do capítulo 2, tabelas com as categorias que representam as principais características do jornalismo

investigativo. Elas também foram destacadas ao longo do texto utilizando a função **negrito**. No item 2.1, dedicado à revisão bibliográfica sobre o conceito de jornalismo investigativo, os tópicos foram: bases éticas, cautela, checagem de informações, cruzamento de informações, busca por informações, papel do jornalista, profundidade, relação com fontes e tempo. Tais tópicos, cuja emergência se deu durante a discussão teórica, vão nortear a observação do caso aqui estudado, especificamente no item 4.2. O mesmo processo foi realizado no item 2.2: os tópicos destacados serão utilizados no item 4.3. São eles: confiança mútua entre o jornalista e a público, execução da conduta ética de forma justa e verificação dos fatos. Essas categorias vão ajudar a analisar a conduta ética do repórter.

Todas as categorias serão relacionadas a pontos-chave na história contada por Ronan Farrow no livro “Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio” e na reportagem final, apresentados no capítulo 3. As escolhas dos trechos do livro estão relacionadas diretamente com as fontes que aparecem na matéria “*From aggressive overtures to sexual assault: Harvey Weinstein’s accusers tell their stories*”, publicada dia 10 de outubro de 2017. Entendemos que todos os relatos apresentados no livro são relevantes, porém para este tipo de pesquisa somente alguns casos serão selecionados. Desta forma, será possível compreender como determinadas ações do jornalista emergiram do que é considerado como a prática específica do que denominamos jornalismo investigativo.

## 4.2 APURAÇÃO

Quando Ronan Farrow e Rich McHugh sugeriram uma pauta sobre o “teste de sofá” talvez não soubessem que o processo de conseguir acesso a informações fosse ser complicado. E longo: foram aproximadamente 10 meses de apuração. A sugestão de Noah Oppenheim de os jornalistas irem atrás de Rose McGowan foi um primeiro passo. Todavia, falar de assédio sexual é complicado. Muitas vezes, as vítimas têm receio de compartilhar suas histórias, e algumas podem ser ameaçadas pelo agressor. Para poder analisar o processo de apuração de Ronan Farrow, esse item será dividido em

subtópicos, onde as categorias semelhantes que foram definidas no item 2 serão colocadas juntas.

#### 4.2.1 Busca por informações e a relação com fontes

A primeira pista que Farrow recebeu foi o *tweet* de Rose McGowan<sup>8</sup>. Essa informação ajudou a concluir que havia rumores sobre o assunto e que possivelmente haveria uma história relevante. Para começar a juntar informações sobre o caso, o jornalista aproveitou as oportunidades que surgiam. Em um primeiro momento, conversou com uma produtora que visitava o seu local de trabalho. Dede Nickerson foi um primeiro alerta sobre as dificuldades que o processo de apuração iria apresentar, como vemos no trecho do livro aqui transcrito:

“Preciso te perguntar mais uma coisa”, disse, assim que a alcancei. “Estamos com uma pauta sobre assédio sexual na indústria cinematográfica. Você trabalhou para Harvey Weinstein, não foi?”  
O sorriso de Nickerson murchou.  
“Sinto muito”, respondeu. “Não posso ajudá-lo.”  
Já havíamos chegado ao elevador.  
“Claro, tudo bem. Se souber de alguém com quem eu possa falar...”  
“Tenho que pegar um voo agora”, ela disse. Ao entrar no elevador, parou um segundo e acrescentou, “Só...toma cuidado”. (FARROW, 2019, pp. 35-36).

Podemos observar que a produtora mostrou-se relutante para falar no assunto, mas mesmo assim buscou orientar ele, que, por sua vez, tentou buscar mais informações. Para entrar em contato com Rose, Farrow mandou uma mensagem via *Twitter*. A resposta veio por e-mail e o jornalista decidiu ligar para a atriz, buscando explicar as suas intenções. Essa busca por contato é elemento crucial, e um dos quais o jornalista mais investiu energia durante o processo. Os jornalistas utilizam todos os meios legais e que estejam à sua disposição para poder entrar em contato com uma fonte. O jornalista é inteligente ao começar a buscar informações por meio de uma fonte que já havia ganhado um pouco de exposição sobre o assunto. Na ligação, ela

<sup>8</sup> MCGOWAN, Rose. **Because it's been an open secret in Hollywood/Media & they shamed me while adulating my rapist. #WhyWomenDontReport.** 13 out. 2016. Twitter: @rosemcgowan. Disponível em: <[https://twitter.com/rosemcgowan/status/786723360550035460?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E786723360550035460%7Ctwgr%5E&ref\\_url=https%3A%2F%2Fwww.indiewire.com%2F2016%2F10%2Frose-mcgowan-tweets-raped-by-hollywood-executive-1201736965%2F](https://twitter.com/rosemcgowan/status/786723360550035460?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E786723360550035460%7Ctwgr%5E&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.indiewire.com%2F2016%2F10%2Frose-mcgowan-tweets-raped-by-hollywood-executive-1201736965%2F)>. Acesso em: 13 nov. 2020.



demonstrou disponibilidade para ajudá-lo, e afirmou que Harvey Weinstein a tinha estuprado.

“Vocêalaria o nome dele diante das câmeras?”, perguntei.

“Tenho que pensar primeiro”, respondeu. Ela estava escrevendo um livro, ainda sem saber ao certo o que revelaria em suas páginas. Mas também considerava a possibilidade de contar aquela história antes do livro.

McGowan disse que a mídia a tinha rejeitado, e que ela também tinha rejeitado a mídia.

“Então por que está falando comigo?”, perguntei.

“Porque você também viveu essas coisas”, respondeu. “Eu li o que você escreveu.” (FARROW, 2019. pp. 36-37).

Na transcrição acima surge a primeira etapa de negociação para uma futura entrevista com Rose McGowan. O repórter busca descobrir o quanto a fonte estaria disposta a compartilhar, e de que maneiras. O relato por meio de câmeras era importante para Farrow, visto que, nesse momento, ele produzia a matéria para um programa de televisão, e a fala gravada de uma vítima seria marcante. A fala dela ao contar sua versão permite a ele entender que tem uma primeira versão confirmada. A comprovação de uma informação autoriza que o jornalista possa contar a história afirmando como e o que aconteceu. Pereira (2006, p.70) lembra: “Cabe ao jornalista sedimentar uma realidade sólida para o público, sem enganá-lo com a falsa promessa de uma realidade ‘real’, pronta, acabada. Seu trabalho é ser categórico: um fato ocorreu deste jeito, não de outro”.

Manifesta-se o primeiro voto de confiança entre Farrow e uma fonte. A relação entre os dois começa a solidificar no momento em que Rose afirma que compreende que o repórter escutaria e poderia entender ela. Quando ela afirma ter lido o que ele escreveu, refere-se ao texto “Meu pai, Woody Allen, e o perigo de perguntas não feitas”<sup>9</sup>, que o repórter havia feito sobre o seu pai.

Para observar a relação do jornalista com a fonte vamos examinar dois trechos do livro.

Primeiro trecho:

Diante das câmeras, McGowan ainda não pronunciava o nome de Weinstein. Ela ainda estava tomando coragem. Mas deixou pistas ao longo da entrevista e pediu que os telespectadores “ligaram os pontos” (FARROW, 2019, p. 54).

---

<sup>9</sup> FARROW, Ronan. My Father, Woody Allen, and the Danger of Questions Unasked (Guest Column). **The Hollywood Reporter**, 2016. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/my-father-woody-allen-danger-892572>>.

Segundo trecho:

Em off, comigo, ela já havia pronunciado o nome de Weinstein. Disse-me que, em parte, sua preocupação era ter certeza de que alguma rede de notícias iria até o fim com a pauta, caso ela caísse em maus lençóis legais. Respondi com franqueza: aquele seria um processo legal bastante difícil na NBC. Eu precisaria de cada detalhe que ela pudesse me dar (FARROW, 2019, p. 55).

Esses dois momentos mostram que o processo de negociação durante a apuração que permitiu que uma entrevista em vídeo fosse feita. A fonte ainda não se sentia confortável em afirmar durante uma gravação que o produtor a estuprou. Mas ela conseguia dizer isso para o jornalista. É curioso observar que Rose já estava confortável com o jornalista, porém duvidava que a NBC iria de fato publicar a história. Surge outro momento em que o repórter busca garantir que não vai perder a fonte. Não escondendo a verdade, de que aquele seria um processo complicado, ele afirma para a fonte a devida importância de suas informações.

Uma fonte não seria suficiente para uma reportagem investigativa. Foi buscando mais informações que Farrow descobriu a história de Ambra Gutierrez, uma modelo italiana. O único caso envolvendo Harvey Weinstein que até então havia chegado ao sistema de justiça criminal era o que envolvia a modelo. Foi por meio dele que o jornalista conseguiu contato com a fonte:

Mas o nome de um advogado que tinha representado Gutierrez acabara aparecendo em alguns documentos públicos, e advogados costumam ter telefones. “Eu não tenho permissão para falar sobre isso”, ele me disse. “Tudo bem”, respondi. Prestei atenção suficiente nas aulas da faculdade de direito (e atenção mais que suficiente na vida real) para reconhecer alusões a um acordo de confidencialidade quando deparo com elas. “Mas você pode repassar uma mensagem a ela?” (FARROW, 2019, p. 60).

A busca por informações envolvendo o personagem foco de sua matéria (Harvey Weinstein) ajudou a encontrar um contato que viria a ser crucial na sua reportagem. A maneira que ele acha uma brecha para conseguir falar com Ambra mostra que no jornalismo investigativo é importante buscar alternativas diferenciadas quando o “simples” não está disponível. Hunter (2013, p. 8) afirma que o método é um dos principais diferenciais do jornalismo investigativo para o jornalismo habitual: “De fato, ambas forma de jornalismo focalizam os elementos de quem, o que, onde e quando. Mas o quinto elemento da cobertura convencional, o ‘por que’, torna-se o ‘como’ na investigação.”

Na primeira conversa com Ambra Gutierrez, Farrow utilizou a negociação para conseguir juntar informações de mais uma fonte. Mais um depoimento iria ajudar a sustentar o seu caso:

‘Eu quero ajudar’, disse, com um leve tremor no sotaque italiano. ‘Mas estou numa situação ruim’. Quando contei que outra mulher havia filmado uma denúncia contra Weinstein, e que outras mais também pensavam em fazê-lo, ela começou a me contar sua história (FARROW, 2019, p. 62).

Essa “técnica” de afirmar que ela não seria a única a depor continuou sendo usada pelo repórter. Conseqüentemente Ronan acabou criando um vínculo com suas fontes, o que Christofolletti (2008) lembra que deve ser uma relação mútua.

O papel do jornalista nesta fase da apuração foi caracterizado pelo processo de negociação de contato e entrevistas com fontes, e pela busca de elementos e dados que ajudassem na sua investigação. Farrow criou a sua própria maneira de manter a relação com as fontes, baseando-se na honestidade e mostrando que a intenção da pauta era expor Harvey Weinstein. Para encontrar informações, ele usou tudo que estava a sua disposição: plataformas de redes sociais online, números de telefone, conversas com pessoas próximas de possíveis fontes, arquivos legais, etc. Quando não encontrava algo por alguns desses meios, o repórter buscou outros caminhos que pudessem ajudá-lo.

#### **4.2.2 Bases éticas e o papel do jornalista**

Como ressaltamos no item 2.1, parte do papel do jornalista surge por meio de suas bases éticas. Essas são parte do julgamento individual que cada profissional tem perante as suas ações. Existem alguns elementos que são conhecidos como éticos dentro do jornalismo, como pedir autorização da fonte para gravar uma entrevista em áudio. Em alguns casos, o jornalista deve decorrer a mais meios para fazer com que o processo seja o mais correto. No caso de Farrow, uma das primeiras coisas a se fazer foi conferir se existiria algum possível conflito de interesse por causa do trabalho de seus pais:

Como quase todos os diretores de estúdio, Weinstein teve algum envolvimento em filmes nos quais meus pais haviam trabalhado; distribuiu vários filmes de Woody Allen na década de 1990 e, mais recentemente, alguns que minha mãe estrelou nos anos 2000. A

distribuição cinematográfica é um negócio discreto por natureza: eu nunca tinha ouvido nenhum dos deles mencionar o nome de Weinstein (FARROW, 2019, p. 44).

Por recomendação de Richard Greenberg, seu supervisor editorial, a busca foi feita. Cuidados como esse, por mais simples que sejam, podem fazer a diferença. Lembra-se da importância que Karam (2004) afirma sobre os valores jornalísticos em relação com as ações dos profissionais.

Ambra Gutierrez assinou um contrato impedindo que ela divulgasse qualquer informação sobre o caso e que destruísse todas as cópias do áudio em que Weinstein admitia estar acostumado com o comportamento predatório. O repórter sabia da relevância que o áudio teria para sustentar sua matéria, era uma prova concreta. Por ter conhecimentos da área de direito sabia também que uma quebra de contrato poderia prejudicar a sua fonte. Por isso, como uma via de mão dupla, para confirmar a existência do áudio e buscando não prejudicar sua fonte, Farrow (2019, p. 69) pediu para ler o contrato. “‘Prometo a você’, eu disse a ela, ‘sejam quais forem as informações que eu descubra hoje, só vou usá-las de um jeito que te deixe confortável. Mesmo que isso signifique desistir da matéria.’” Nesse momento, Farrow tinha conhecimento de seu papel como jornalista e por isso quis certificar o seu relacionamento com a fonte de maneira que Ambra confiasse nele. A sua decisão ao afirmar que divulgaria somente o que a fonte se sentisse confortável, pode ser questionada por outros. Todavia, para o jornalista isso fazia parte de sua conduta ética. Foi como o autor se comprometeu para conseguir informações.

Como a história envolvia tópicos sensíveis, e possíveis quebras de contrato, as fontes buscaram se proteger. No seguinte trecho, podemos perceber o afastamento que Farrow criou com as fontes para poder separar o seu lado de advogado do seu lado de jornalista:

Tanto Gutierrez como McGowan disseram que precisavam de advogados. Como repórter, eu tinha que manter distância das experiências legais das fontes. Disse a ambas que não poderia dar aconselhamento jurídico ou recomendar advogados diretamente. Mas poderia lhes indicar informações públicas sobre certos especialistas na área (FARROW, 2019, p. 80).

É interessante que a conduta ética ajudou-o a definir qual o seu papel como jornalista. Outro profissional poderia agir diferentemente. É o fator humano, como relembra Christofolletti (2011, p. 29), que separa as decisões de

cada profissional. Pois um código de ética, por exemplo, guia, mas cabe a cada um escolher a forma de como irá atuar.

O papel do jornalista está ligado às suas características de atuação. O profissional deve ser atento e rigoroso em sua busca por informações, e depois igualmente na verificação. É papel do jornalista também definir o que é importante para compor a sua reportagem:

Eu lhe disse que tínhamos um material mais forte do que nunca, mas que a voz dela seria importante. Queria aceitar sua sugestão de gravarmos mais imagens, e sua proposta de citarmos o nome de Weinstein para os advogados da NBC.

“Não confio na NBC”, ela disse.

“Eles estão sendo...” Fiz uma pausa. “...cautelosos. Mas sei que são pessoas do bem e que vão tratar a história como ela merece.”

Ela respirou fundo e pareceu tomar coragem. “Tá”, disse. “Eu topo.” (FARROW, 2019, p. 144).

O trecho acima surge em um momento em que Rose McGowan não apresenta mais total confiança na empresa em que Ronan Farrow trabalha. Apesar de já ter dado uma entrevista, ela se encontra relutante para fazer mais uma. O jornalista, por sua vez, entende a necessidade de um depoimento completo. Quanto mais declarações, e quanto mais detalhadas elas forem, mais crível ficaria o seu produto final. Por isso surge uma negociação de mais um depoimento para dar consistência à investigação. Ele entende que sustentar a sua história com argumentos bem definidos tornaria o seu produto final relevante.

A definição de seu papel como jornalista, separando-se do seu papel como advogado, é muito importante para que Farrow consiga fazer um trabalho justo e unicamente jornalístico. Também é notável como ele define as suas bases éticas conforme aquilo que se sentia confortável para fazer e que acreditava que poderia o ajudar na apuração.

#### **4.2.3 Tempo e profundidade**

O jornalismo investigativo permite que a apuração seja mais longa, não tendo a necessidade do imediatismo. Por conta disso surge a oportunidade também de se aprofundar mais no assunto que será abordado. Foram mais ou menos 10 meses entre o início da apuração até a publicação da reportagem de Ronan Farrow. Esses dois tópicos receberam consequências indiretas para o

autor. O tempo dedicado para a pauta foi por muitos momentos adiado, ou até mesmo “pausado”, por ordens da NBC. A extensão desse, como veremos, ajudou o repórter a conseguir mais detalhes para a reportagem. Todavia isso foi um dos fatores que fez com que Farrow publicasse a matéria na *The New Yorker* ao invés de na NBC.

“Quero dizer, você sabe, deixar esse negócio na gaveta”, disse Greenberg. *Essa frase, de novo*, pensei. “Tem um monte de coisas promissoras acontecendo pra você, Ronan. Você tem uma porção de pautas em andamento, a série está indo bem. Você sabe que não precisa focar nisso nem nada” (FARROW, 2019, p. 87).

Este trecho exemplifica o tratamento que a matéria recebeu desde o início de sua apuração. Por mais que surgissem fontes e mais conteúdo, a NBC não tratava a pauta como algo essencial e aparentava não querer problemas por conta dessa pauta. Mas, para o jornalista, o conteúdo tratado tinha relevância e, por conta disso, não deixou de buscar mais informações:

“Quando terminei a matéria, estava convencido de que ele é um predador, um esturpador em série, e que expor tudo isso seria uma espécie de serviço à sociedade.” Após a investigação inicial, tentara desenterrar essa pauta duas vezes - uma delas recentemente, depois do incidente com Gutierrez - mas não obteve apoio. “Se você tiver alguma chance de conseguir o que eu não consegui”, ele disse, “siga em frente” (FARROW, 2019, p. 91).

A passagem acima é de um momento em que o repórter conversa com o jornalista Ken Auletta. Ele havia tentado em 2002 escrever uma matéria sobre Harvey Weinstein, mas não obteve sucesso. A busca de Farrow por mais conhecimentos mostra que ele estava disposto a aprofundar mais a sua reportagem e a entender que caminhos poderia seguir para completá-la. A profundidade é crucial para o jornalismo investigativo, como afirmam Noronha e Rocha (2017). A busca por mais confirmações de fontes ajuda a fortalecer essa característica:

Além disso, tinha provas: mensagens de Irwin Reiter, executivo sênior que trabalhou para Weinstein por quase três décadas, reconhecendo o incidente e dizendo que fazia parte de uma cultura predatória dentro da empresa. Uma terceira mulher e mais evidências concretas: parece que era o salto que eu estava esperando (FARROW, 2019, p. 111).

Ao entrevistar Emily Nestor, ex-assistente de Harvey Weinstein, Farrow conseguiu encontrar evidências. Para conseguir contato com ela, no entanto, foi demorado. Ela não era um nome conhecido por já ter feito algum tipo de acusação contra o produtor e já havia negado uma entrevista sobre o assunto.

Por isso o tempo foi crucial, já que o jornalista não tinha a urgência de publicar a história no dia seguinte, por exemplo. Segundo Fortes (2005) a duração de uma reportagem investigativa deve ser mais longa, por ser mais complexa. Ele também afirma que ela ocorre sob uma pressão maior.

“É uma pausa”, ele disse.  
“A entrevista está marcada. Você está me pedindo para desmarcar. Em que sentido isso é uma pausa?”  
“Ronan”, ele disse, agora irritado. “Você tem que parar.” (FARROW, 2019, p. 213).

O trecho acima mostra um momento de tensão em que os superiores do jornalista pedem que ele pare com a apuração. Esse momento surge depois de meses de pesquisa e busca por fontes. Provocações como essa aconteceram várias vezes, e o jornalista respeitava os pedidos de pausa, mas seguia buscando por profundidade quando possível. Por mais que não haja um imediatismo de publicar a matéria, depois de meses de apuração, o risco de vazar algo relacionado a pauta era maior, uma vez que o assunto estava começando a ser mais comentado.

Liguei para Oppenheim e lhe disse que gostaria de aceitar sua sugestão de “ir com Deus” para um veículo impresso, mas apresentei como algo amigável e não ameaçador. Disse a ele, o que era verdade, que já tinha interesse preliminar de um editor impresso. Não falei qual. Sugeri que a NBC poderia continuar gravando as minhas entrevistas e pôr no ar uma versão para a TV depois que eu desse o furo no impresso (FARROW, 2019, p. 213).

No jornalismo habitual, o tempo é guiado pelo imediatismo. No investigativo existe a necessidade, e a possibilidade, de fazer as coisas mais devagar para impedir erros. Depois de meses de apuração e checagem de informações, como veremos no próximo item, Farrow acreditava que a matéria estava pronta. Ao perceber ela não teria seguimento na NBC, ele decide buscar outro lugar para publicá-la. Nessa etapa, o jornalista demonstra preocupação em conseguir publicar a história, não necessariamente sendo o primeiro, mas ele queria que ela chegasse ao público. A intenção do repórter é nobre a partir do momento em que ele entende que não importa o veículo, mas sim que a investigação feita durante o tempo de apuração fosse publicada. O período da apuração foi longo e guiado pela profundidade, visando sempre encontrar mais informações. Porém, o repórter teve que decidir quando já era suficiente para publicar, já que seus editores da NBC aparentavam não querer publicá-la. Ao chegar na *The New Yorker*, o jornalista entendeu que não

poderia ter pressa, e que agora o tempo iria ser importante para garantir que a reportagem fosse terminada.

#### 4.2.4 Cautela, checagem e cruzamento de informações

Ao lidar com assuntos delicados, como denúncias de assédio sexual, a cautela, elemento essencial no jornalismo, deve ser ainda maior. Ela deve surgir principalmente na hora de checar as informações. Sejam documentos, entrevistas, falas *off the record*, tudo deve ser checado para garantir que a reportagem traga veracidade. Uma das maneiras de fazer isso é comparando uma informação dita por uma pessoa com um documento, por exemplo, fazendo o cruzamento de informações.

Os tabloides noticiaram que, em 2010, quando Gutierrez era uma jovem concorrente ao Miss Itália, ela participara de uma festa “Bunga Bunga” oferecida por Silvio Berlusconi, na época primeiro-ministro da Itália, durante o qual, segundo acusações posteriores, ele fizera sexo com prostitutas. As matéria alegavam que a própria Gutierrez era uma prostituta, cheia de amantes velhos e ricos naquele país. O *Daily Mail* informou que, um dia após o suposto incidente, ela foi ver *Finding Neverland*, um musical da Broadway produzido por Weinstein. (FARROW, 2019, p. 60).

O segmento acima descreve o ocorrido com Ambra Gutierrez. O jornalista ouviu muitas das informações através da modelo e para descrever tudo o que aconteceu teve que averiguá-las. Miss Itália 2010, Silvio Berlusconi e *Finding Neverland* são três informações que, se feitas uma pesquisa básica no Google, já ajudam a comparar as datas com as afirmações de Gutierrez. E ainda existem as publicações dos jornais. Ao afirmar essa história no livro é possível perceber que Farrow buscou a confirmação daquilo que lhe foi dito.

Um dos meus contatos na procuradoria me ligou para dizer que os funcionários de lá achavam Gutierrez confiável. “Certas coisas sobre o passado dela foram... postas em evidência”, disse o contato.  
 “Que tipos de coisas?”  
 “Eu não posso entrar nesse assunto. Mas nenhuma das tais coisas nos convenceu de que ela pudesse ser uma mentirosa. Ouvi dizer que chegamos até conseguir provas.”  
 “Provas de que tipo?”  
 “Não sei dizer.”  
 “Você pode averiguar pra mim?”  
 “Claro que posso. E depois posso pedir demissão também.”  
 (FARROW, 2019, p. 61).



A confirmação não é necessariamente algo simples, por isso a necessidade de cautela. Farrow demonstra a busca pela validação. Ele se posiciona de forma clara e, por mais que em momentos não consiga a certeza de um fato, consegue entender que a história precisa de mais checagem. Fortes (2005, p. 18) afirma que a apuração de uma matéria investigativa é “aquela que exige mais tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e rechechagem – a busca obsessiva por documentos e provas.” A comprovação é o que faz com que de Farrow ganhe credibilidade.

Durante o processo de apuração a NBC manteve o setor jurídico acompanhando o roteiro de Farrow, para garantir que tudo estava conforme as diretrizes da empresa. A cautela do jornalista entra aqui também, pois é necessário que ele não infrinja nada que possa lhe prejudicar ou prejudicar as suas fontes.

Os próximos três trechos vão mostrar como foi o processo de cautela e checagem de informações no final do processo de apuração, quando Farrow já se encontrava na *The New Yorker*.

Primeiro trecho:

“Essas fontes estão dispostas a confirmar num tribunal o que contaram para você?, perguntou Bertoni. “Pode ver se elas farão isso?”

Eu disse a Bertoni que já tinha feito a pergunta a várias das principais fontes, e que elas haviam respondido que sim (FARROW, 2019, p. 221).

Segundo trecho: “‘Eu sei que existe uma possibilidade de litígio’, falei. ‘Sei que trazer uma reportagem para cá significa mais verificações, mais checagem de fatos. Só acho que tem coisa suficiente aí para que lhe deem uma chance.’” (FARROW, 2019, p. 221).

Terceiro trecho: “‘Está bem’, disse Remnick sem drama, numa cena de outro filme. ‘Você vai trabalhar com Deirdre. Sem nenhuma garantia até os fatos serem checados.’” (FARROW, 2019, p. 222).

Esses demonstram que Farrow tinha segurança em suas fontes e no que elas diziam. Afinal, se elas afirmavam que poderiam confirmar o que foi dito em um tribunal, a cautela de Ronan estava segura. Também que ele estava ciente sobre mais tempo gasto em cruzamento de informações. De acordo com Pereira (2006, p. 87): “A pressa não é desculpa para má apuração.

É da natureza do jornalismo ser feito em tempo curto. Na linha de produção da notícia, o levantamento e o rigor na checagem estabelecem a qualidade da informação.” O seu exercício profissional como jornalista não era exclusivo de realizar entrevistas. O fato de que o repórter tinha conhecimento disso, mostra que ele estava preparado e determinado a contar a história com veracidade. E mesmo depois de receber críticas, como vimos no item 3.4, Farrow manteve segurança sobre o seu processo de verificação.

### 4.3 CONDUTA ÉTICA

O trabalho jornalístico precisa ser guiado pela ética. O jornalismo investigativo deve ter esse cuidado redobrado, uma vez que os caminhos para conseguir informações podem ser mais complicados e nem sempre os mais simples de efetuar-se. Para analisar a conduta ética de Ronan Farrow vamos dividir essa parte do trabalho de acordo com os tópicos destacados no final do item 2.2. Assim, será possível compreender, a partir de relações com trechos do livro, o comportamento do jornalista.

#### 4.3.1 Execução da conduta ética de forma justa

A ética está presente em todos os tipos de ações dos jornalistas. Eles devem buscar compreender quais são os seus limites éticos e como vão agir em determinadas situações. Pode ser complicado entender a razão pela qual alguém age de certa maneira, mas os limites pessoais são um guia. Farrow demonstra conhecimento sobre noções da ética dentro do jornalismo, e também em como certas situações devem ser abordadas para não prejudicar o seu trabalho:

“Fique calmo, Harvey, Ronan é um cara legal, vou conversar com ele.”

“Estou apurando uma série de pistas e realmente não posso falar de nenhuma delas até que estejam de fato apuradas.”

“É para a NBC?”, perguntou Hiltzik.

“Bem, é lá que eu trabalho. Sou repórter investigativo da NBC.”  
(FARROW, 2019, p. 85).

No trecho destacado acima, Farrow conversa com Matthew Hiltzik, relações públicas com quem o jornalista já havia sido cliente. Ele pressiona o

repórter para descobrir informações sobre a matéria e, ao comentar que havia falado com Harvey Weinstein, o jornalista opta por não dizer nenhuma informação. Essa escolha pode parecer óbvia, pois poderia prejudicar o processo dele, mas o destaque é para a justificativa que Farrow apresenta. Ele escolhe a parte ética da situação para o ajudar. Acaba sendo uma mão de via dupla: ele não se autossabota e também não deixa de ser ético por revelar informações sobre o seu trabalho.

A situação dentro da NBC ficava mais complicada cada vez que a reportagem era colocada em “pausa”. Por conta disso, Farrow e Rich McHugh tiveram que encontrar uma maneira diferente de poder continuar agendando entrevistas:

“Você acha que consegue agendar as entrevistas do caso Weinstein dentro do cronograma das outras pautas?”, ele perguntou.

“Bem... Consigo. Mas elas ainda assim continuarão aparecendo como entrevistas do caso Weinstein”, respondi.

“Não necessariamente”, ele disse. “É bem comum a gente acrescentar uma entrevista que surgiu do nada enquanto estávamos viajando. E podemos rotulá-las como quisermos.”

Havia um limite para quanto dava para escondermos um trabalho. O tema de qualquer nova entrevista continuaria aparecendo em relatórios de despesa, mas talvez desse para evitar chamar a atenção da chefia (FARROW, 2019, p. 94).

O jeito que eles conseguiram continuar apurando foi burlando uma parte técnica do trabalho. A sugestão de McHugh em um primeiro momento parece suspeita, porém se eles não fizessem assim talvez não conseguissem dar continuidade à apuração. Farrow, ao decidir distrair o assunto nos papéis para conseguir efetuar as entrevistas, faz uma escolha arriscada e demonstra que está disposto a fazer algumas coisas não necessariamente corretas. Christofolletti (2008, p. 19) lembra que as nossas escolhas pessoais são julgadas em momentos como esse:

Às vezes, essas escolhas nem são grandes violências morais internas - até acreditarmos naqueles valores -, mas elas não seriam as nossas primeiras opções. Suspendemos nosso juízo pessoal e decidimos por saídas orientadas pelos valores do coletivo.

Lidar com os valores pessoais em situações de investigação pode ser algo complicado. Mas o jornalista aparenta decidir desde o início da apuração que entregar essa denúncia era algo que ele não poderia deixar de fazer, e por isso estaria disposta a percorrer caminhos diferentes. Como público, podemos julgar se sua escolha foi ou não ética, mas não necessariamente

compreenderemos como ele tomou as suas decisões. O que ele fez lidava com agendas e despesas, podendo criar complicações dentro da empresa. Mas não era algo que poderia prejudicar a sua credibilidade em grande escala, por exemplo. Para executá-la, Christofolletti (2008, p. 32) complementa que ele teve que equilibrar “componentes racionais, emocionais, de moralidade e de convivência social.” Foi uma solução inteligente para conseguir dar continuidade à sua pauta sem interferir nos seus outros trabalhos. Farrow se deparou com escolhas como essa várias vezes, como vemos no seguinte trecho:

“E se você gravar a gravação dela? Se colocar um microfone junto ao auto-falante? Desse modo, seria um arquivo novo. Ela nunca teria transferido nada.”

“Que diferença faz?”

“Me parece um passo a menos. Não haveria troca de arquivos. Esqueça, é viagem minha.” (FARROW, 2019, p. 105).

Ambra Gutierrez tinha receio de compartilhar com o repórter a gravação que havia feito de Harvey Weinstein junto com a polícia de Nova York, pois ela deveria ter destruído todas as cópias. Entregar esse arquivo para ele poderia prejudicá-la judicialmente. Por conta disso que Farrow buscou outras alternativas, como vimos no extrato acima onde o namorado do jornalista oferece uma maneira alternativa de conseguir a prova. E foi assim que ele conseguiu a gravação. Martino e Silva (2013, p. 23) ressaltam:

O jornalismo investigativo beneficia-se da possibilidade de estar próximo do que pode ser entendido como uma das regras não explícitas do campo, consagradas em sua doutrina, histórias e narrativas que o caracterizam. Assim, o efeito de campo responsável pela consagração dentro dos espaços de tradição parece outorgar ao jornalismo investigativo uma posição privilegiada na elaboração de práticas específicas.

Antes disso, Farrow teve que negociar com a fonte, e explicar como iria funcionar, para garantir que ela estaria de acordo. O diálogo aberto foi bem pensado e demonstrou que o jornalista, ao executar essa ação, queria uma alternativa eficaz, que não complicasse ele ou a fonte. A técnica não aparenta ter nenhum problema ético. A importância de ter a gravação é de ajudar a sustentar os argumentos. Karam (2014) afirma que o que vai eventualmente julgar se o processo foi ou não válido é a necessidade dele quanto ao interesse público. Já que a gravação possuía uma confissão do comportamento

predatório de Weinstein, ela tinha que ser divulgada. O repórter buscava trazer a veracidade dos fatos, por essa razão insistiu para conseguir a gravação.

O seu relacionamento com Ambra Gutierrez é cauteloso e baseado na confiança. A engenhosidade do jornalista em manter essa relação mostra sua integridade como repórter ao não querer afetar a fonte ao mesmo tempo que consolida um contato útil para o futuro.

Provavelmente o momento em que mais se possa debater uma decisão ética de Farrow foi quando ele decidiu sair da NBC e levar a matéria para a revista *The New Yorker*. As provas concretas, no entanto, ficariam com a rede de televisão:

“A apuração inteira”, falei cansado. “É tudo deles.”

Ele me encarou com firmeza.

“Vem cá.”

De volta a nossas baías, McHugh olhou em volta e se inclinou para abrir uma gaveta da escrivaninha.

“Digamos”, ele disse, remexendo uma pilha de parafernália audiovisual e pescando um retângulo prateado, “que você tivesse as entrevistas.” Fez deslizar pela mesa um disco rígido com “Vale do Veneno” escrito num canto.

“Rich...”, falei.

Ele deu de ombros. “Backup.”

Eu ri. “Eles vão te demitir.”

“Vamos ser honestos: depois disso nenhum de nós vai ter emprego.”

Eu me aproximei como se talvez fosse lhe dar um abraço, e ele me dispensou com um gesto. “Tá, tá bom. Só não deixe que eles enterrem a reportagem.” (FARROW, 2019, pp. 195-196).

Novamente McHugh ajudou o repórter a não ter o seu trabalho prejudicado pela NBC. Ao decidir aceitar o disco rígido com as informações, ele roubava informações que eram pertencentes ao seu local de trabalho. Vale ressaltar que todas as entrevistas e demais conteúdos haviam sido apurados por Ronan Farrow com assistência de Rich McHugh. Levar os conteúdos era um risco para sua conduta ética e, por consequência, na sua credibilidade profissional. Todavia não divulgar o que havia sido apurado seria negligenciar informações que serviriam para um “bem maior”. O risco existiu, mas a responsabilidade com o interesse público era maior. Segundo Martino e Silva (2013, p. 21) o jornalismo investigativo tem uma grande relevância na sociedade:

Na dinâmica das práticas dentro do campo jornalístico, que presume igualmente uma hierarquia relativa das práticas, o jornalismo investigativo ocupa uma posição de prestígio por conta de sua relevância social que transcende, ao menos a princípio, as rotinas produtivas do universo jornalístico.

O que Farrow trabalhou ao longo dos meses de apuração foi como lidar com a sua capacidade ética. Quais limites ele aceitaria e o que estaria disposto a fazer. Percebemos que o processo dele não teve uma má conduta ética, pois para o caso aqui relatado talvez não houvesse outra solução que levasse a reportagem a ser publicada. Julgar a sua conduta não é uma tarefa fácil, uma vez que as decisões do jornalista foram feitas conforme os seus valores pessoais. Christofolletti (2008, p. 38) ressalta: “Em todos os casos, não se pode confundir etiqueta com ética, bons modos com conduta bem orientada por valores.” Possivelmente algumas das abordagens do repórter não funcionariam em outros casos. Mas, para esse, Farrow guiou sua ética a partir do que estava confortável e, principalmente, do que era preciso para entregar a verdade para o público.

#### **4.3.2 Verificação dos fatos**

Como vimos no item 4.2.4, a checagem de informações é fundamental no jornalismo e ainda mais necessária quando se trata de jornalismo investigativo. A descrição do processo de apuração no livro “Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio” (2019) demonstra como a verificação dos fatos era feita, e qual a opinião de Ronan Farrow sobre ela. Por mais que a NBC aparentemente tenha utilizado a checagem como uma maneira de atrasar a pauta, o repórter não negou a sua relevância. Ele mesmo sempre buscou a confirmação de uma informação por outro meio, seja por outra pessoa ou por documentos, por exemplo.

Uma dessas ligações foi para Donna Gigliotti, a produtora de *Shakespeare Apaixonado* que havia me desencorajado quando nos falamos pela primeira vez. Agora, no entanto, ela se mostrou mais aberta. “Tem uns documentos desses, sim. Documentos em que ele nunca admite nenhum tipo de culpa, mas que envolvem grandes pagamentos em dinheiro”, ela disse. Você precisa encontrar esses documentos, mas as vítimas jamais têm permissão de ficar com eles” (FARROW, 2019, pp. 97-98).

O trecho acima retrata a compostura do jornalista na apuração. Por mais que fosse difícil conseguir provas físicas rapidamente, ele não desistia na primeira vez. Ele já havia ouvido falar sobre mais documentos como o contrato de Ambra Gutierrez, e agora, com a conversa com Donna Gigliotti, ele tinha

uma confirmação. Essas verificações parecem básicas no jornalismo, mas são extremamente importantes para evitar que a reportagem final apresente algum tipo de brecha. Carvalho (2019, p. 215) afirma: “Não importa o meio, a cultura, a demografia ou as crenças pessoais, o bom jornalismo é, antes de tudo, um compromisso com a veracidade dos fatos a serem transmitidos”.

Weinstein fazia os assistentes administrarem suas relações com mulheres. A pessoa que estava no cargo antes dela arquivara vários contatos em seu telefone numa pasta chamada “ADH”: Amigas de Harvey. “Aquele era um comportamento sistemático que ele mantinha havia muito tempo”, ela me disse (FARROW, 2019, p. 114).

Ouvir de uma pessoa que trabalhou diretamente com o personagem principal da pauta, e depois de mais ex-funcionários da *Miramax* e da *Weinstein Company* permitiu que o repórter compreendesse o que acontecia de fato e de uma forma ou outra confirmasse as acusações. Para Hunter (2013, p. 76), na verificação de fatos é preciso:

Certificar-se de que você está de fato, contando uma história verdadeira – não apenas uma história na qual cada fato é verdadeiro, e sim uma história na qual os fatos se somam para compor uma verdade mais ampla. Se uma explicação alternativa faz mais sentido do que a sua própria explicação, então há algo de errado.

Farrow demonstra respeitar e compreender esse processo, isso é importante para que o repórter investigativo mantenha a integridade do seu trabalho. A mesma foi questionada por seus superiores em momentos que a apuração já apresentava fatos que se sustentavam por meio de confirmações de fontes e documentos. No trecho abaixo vemos uma conversa do jornalista com Noah Oppenheim sobre o áudio capturado por Ambra Gutierrez com assistência da polícia de Nova York:

“Nós já falamos sobre isso, ele está tentando se livrar dela. Enfim você mesmo diz aqui” - ele passou para a página do roteiro em questão - “que ela tem problemas de credibilidade.”

“Não”, falei. “Nós temos fontes na polícia, fontes na procuradoria dizendo que ela é crível.”

“Está escrito aqui mesmo, no roteiro aprovado!”, ele disse.

“Noah, quem escreveu o roteiro fui eu. A gente revela as denúncias feitas contra ela. Mas o procurador e a polícia...”

“O procurador não foi em frente! E ele vai dizer que ela é só uma puta...”

“Tá, então a gente mostra tudo isso. E deixa o público escutar e decidir.”

Ele balançou a cabeça e tornou a olhar para o papel.

“Tá, mas... qual a verdadeira gravidade disso tudo?”, perguntou, como havia perguntado em todas as nossas conversas sobre a reportagem (FARROW, 2019, p. 186).

O comportamento de Noah Oppenheim parece querer desconsiderar as informações que o repórter apresenta, questionando a fonte e também a confirmação das informações. É um momento complicado para o jornalista, uma vez que a sua credibilidade em checar as informações não demonstra ser suficiente para entregar essa matéria ao público. A situação fica pior quando Oppenheim contesta se a pauta teria um nível de gravidade plausível para publicá-la.

Quando ele chega na *The New Yorker* e tem que esperar uma nova checagem de fatos, ele aceita essa decisão do editor, pois uma informação errada poderia prejudicar todo o trabalho:

“Não vamos correr para passar na frente de ninguém”, disse Remnick. A matéria ficaria pronta quando ficasse, após um processo intensivo de checagem de fatos. “Somos um transatlântico, não uma lancha. Sempre soubemos que o *Times* poderia nos furar.”

Mesmo assim, Remnick mergulhou na edição do texto, me bombardeando com perguntas enquanto avançava (“Onde fica a Weinstein Co.? Por que ele vive se hospedando em hotéis?”). Quando eu não estava em reunião ou no telefone com alguma fonte, estava enfurnado com Foley-Mendelssohn ou com Remnick, burilando o texto da matéria. Discutimos sobre quando pedir um comentário de Weinstein. “Quanto antes falarmos com ele, melhor”, escrevi para os editores.

Em prol da imparcialidade e para limitar a capacidade de Weinstein de importunar as mulheres cujos nomes iríamos revelar ao pedir o seu comentário, Remnick decidiu concluir o máximo possível da checagem de fatos antes de ligarmos para ele. Peter Canby, o veterano chefe de checagem da revista, mobilizou dois de seus subordinados a fim de aumentar a rapidez e rigidez do trabalho (FARROW, 2019, p. 256).

Dar o furo antes do *The New York Times* não era tão importante quanto ter informações claras, seguras e que pudessem ser confirmadas. O trecho acima mostra como o editor David Remnick buscava o máximo possível de checagem para garantir a precisão das informações, pressionando Farrow e adicionando mais funcionários no trabalho. Tudo foi feito buscando a cautela. O tempo e a paciência dos jornalistas dedicados à verificação exemplifica um compromisso correto com a busca pela veracidade dos fatos.

#### **4.3.3 Confiança mútua entre o jornalista e o público**

A relação que o jornalista deve ter com o público é fundamental para que a informação continue a sendo distribuída. A credibilidade dos fatos surge



por conta da expectativa de que o jornalista exerça a missão do jornalismo de entregar a veracidade. Contudo, este vínculo pode sofrer alguns contratemplos caso o leitor desconfie da credibilidade do jornalista. A carreira jornalística de Ronan Farrow, antes de publicar a reportagem que avaliamos nesta pesquisa, era neutra, não tivera problemas e também não muitos destaques. Mas por entender que o assunto que apurava era delicado e de extrema importância para conhecimento do público, o repórter foi cauteloso em todos os momentos. Dessa forma, ele buscava entregar um conteúdo que apresentasse segurança.

“Tá. Então eu estou envolvido com o assunto”, eu disse. “Eu me importo com o assunto. Noah, nós temos provas. E se houver alguma chance de denunciar isso antes de acontecer com mais alguém, eu não posso parar.” Queria que isso soasse masculino e assertivo, mas pude ouvir minha voz falhar. “Se você quiser me mandar pastar, esta organização é sua e é você quem decide”, continuei. “Mas precisa me dizer” (FARROW, 2019, p. 192).

No trecho destacado, Farrow demonstra que sua preocupação com a matéria é maior do que a denúncia, ele busca poder ajudar o público também. Quando questionado por Noah Oppenheim se estava muito próximo da matéria, ele admite que sim, porém que o material colhido na apuração já era suficiente para poder publicar a reportagem, garantindo a sustentação dela por meio das fontes. Esse relacionamento que ele apresenta com o público surge por meio das premissas do jornalismo:

Acreditamos nos homens e mulheres que se dedicam a apurar os fatos e traduzi-los à sociedade, e confiamos no aparato tecnológico que dá suporte a esta atividade. Consciente ou inconscientemente, firmamos um pacto de confiança com a mídia, porque acreditamos que o jornalismo é uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que entendemos por realidade. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 192).

Essa relação cresceu por uma base ética que não aconteceu naturalmente, pelo contrário. Carvalho (2019, p. 101) afirma que ela se sustentou com o avanço da profissão dos jornalistas:

Se existe uma ética da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo, deve-se a uma forma de atuação profissional que, embora estruturada como negócio, fortaleceu-se como interesse público. Não é uma ética “natural”. É uma ética, como a de várias profissões, decorrentes da inserção social da atividade, de seu reconhecimento como relevante, de seus critérios de escolha, de seus métodos de obtenção de dados, fatos e versões e da forma narrativa que incluiu escolha de palavras, síntese de mundos, organização de dados e clareza na exposição.

Por mais que essa ética não seja “natural”, Farrow a apresenta sem fazer esforços. É de sua base como jornalista exercê-la, e ele busca durante o processo manter a confiança potencial com o público, antes mesmo de finalizar a reportagem. A procura por confirmações de fatos e a luta para publicar a história demonstram isso.

Ao publicar a reportagem, continuou buscando deixar a relação de confiança como prioridade. Na primeira parte da reportagem contextualiza a história e apresenta os números de quantas fontes entrevistou e o que cada uma relatou, como vimos no item 3.4. No final, conta que Weinstein e seus associados haviam começado a entrar em contato com algumas das fontes. Ao relatar isso, o jornalista demonstra transparência em seu trabalho e sustenta a sua relação com o público. Sua credibilidade ainda é apoiada pelos detalhes das histórias e a checagem de informações.

A confiança mútua é algo abstrato de ser exemplificado. Existe uma credibilidade presumida por Farrow ser jornalista, o que significaria que ele é um profissional confiável. Mas é complicado materializar isso. Durante os meses de investigação, o jornalista manteve o público como sendo o seu horizonte, era um trabalho para o público. Possivelmente a maneira mais concreta de entender a reação do público é por conta do recebimento do prêmio Pulitzer na categoria de “Serviço Público”. Foi uma espécie de agradecimento por conta de seu compromisso com a sociedade.

#### 4.4 RELEVÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

O trabalho do jornalismo investigativo tem uma missão fundamental na sociedade. Por meio dele, segredos, falácias e crimes são denunciados e ajudam a sociedade a ter conhecimento sobre o mundo. A reportagem de Ronan Farrow fez justamente isso. Foi um processo complicado e longo, mas que ajudou vítimas a denunciarem o seu agressor e também para o público conhecer as ações de um dos homens mais poderosos de Hollywood.

No item 2.3, destacamos que Harvey Weinstein recebeu 106 acusações de abuso ou assédio sexual e 19 de estupro. Além disso, foi demitido de suas empresas e enfrentou a abertura de inquéritos em três cidades. Em uma delas,

Nova York, o processo já foi concluído e Weinstein foi condenado a 23 anos de prisão. Isso tudo foi uma consequência direta da matéria de Farrow, como também a de Jodi Kantor e Megan Twohey, do *The New York Times*. Para as vítimas, é possível somente imaginar se elas sentiram ou não a justiça sendo feita. Porém uma coisa é certa: o jornalismo abriu um espaço para a conversa de que assédio de qualquer tipo e em qualquer lugar é inadmissível. Impulsionou também os movimentos “*Me Too*” e “*Time’s Up*”, além de outros como o “*#Exposed*” no Brasil. Essa conversa é fundamental, e como vimos durante o processo de negociação que o jornalista fazia com as fontes, quando uma pessoa se dispõe a denunciar, acaba ajudando com que outras façam o mesmo. Farrow (2019, p. 408) credita a relevância dos impactos da reportagem à coragem das fontes que decidiram falar: “Sou especialmente grato às mulheres que arriscaram tanto para revelar verdades importantes e difíceis”.

A relevância do jornalismo investigativo pode ser afetada por conta dos riscos que surgem. No item 3.3 contamos que Farrow foi perseguido por espões contratados por Harvey Weinstein. Esses espões acompanharam cada passo do repórter durante meses. Mas um espião compreendeu que as investigações feitas contra o jornalista não eram corretas, acreditando que a maneira como elas eram feitas poderia ser ilegal e por isso decidiu ajudá-lo:

Ostrovskiy e eu também nos encontrávamos, em restaurantes horrorosos que imediatamente abandonávamos para conversar aos sobressaltos caminhando por ruelas e becos. Certa vez, nos acomodamos num canto mal iluminado do lobby de um hotel e conversamos durante meia hora, até que ele pediu licença de maneira abrupta para logo após retornar preocupado, dizendo que precisávamos nos apressar. Desconfiou que dois homens sentados nas proximidades estavam nos seguindo (FARROW, 2019, p. 358).

Farrow (2019) afirma que Igor Ostrovskiy decidiu colocar os seus valores como prioridade sobre a sua segurança ao decidir ajudá-lo e também a permitir que o jornalista utilizasse o seu nome. Essa escolha foi feita por conta do reconhecimento da importância do jornalismo, principalmente do jornalismo investigativo. Reginato (2016, p. 210) afirma que o público demanda pela investigação:

Os leitores também acionam esse sentido como fundamental, mas conseguem ir além e perceber o investigar como necessário em diferentes pautas - os leitores pedem investigação nos esportes, por exemplo. Para o leitor, é a finalidade de investigar que diferencia a parte informativa da opinativa num jornal e que garante um jornalismo questionador, “independente” e de boa qualidade.

Contudo, a investigação é um processo mais demorado e que pode demandar mais financeiramente de empresas, o que pode ter consequências. O jornalismo investigativo não deve ter a sua distinção reduzida. A investigação é fundamental para a sociedade, que aparenta compreender isso e pedir pelo trabalho. A internet hoje possibilita que as reportagens investigativas tenham mais espaço, e que possam ser ainda mais completas, utilizando a convergência de formatos de vídeo, áudio e gráficos para complementar o texto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender como o jornalista Ronan Farrow apurou a reportagem “*From Aggressive Overtures to Sexual Assaults: Harvey Weinstein’s accusers tell their stories*”, publicada na revista *The New Yorker*. Foi feita também a análise do seu comportamento ético e a importância do jornalismo investigativo para a sociedade. Além disso, foi investigado como o trabalho do jornalista está alinhado com as definições do jornalismo investigativo.

Primeiramente foi feito um resgate do que é o jornalismo e quais são as suas principais características. Guiado pela missão de entregar a verdade para o público, o jornalismo, independente de seu formato, apresenta extrema importância. Ele já passou por muitas etapas e hoje encontra-se centralizado na web. Agora, possui uma demanda de ser multimídia, de ter uma atualização contínua e de realizar uma interação maior entre os profissionais e os leitores. O jornalismo investigativo encaixa-se quase todo nessa definição, porém ele apresenta algumas diferenças que são indispensáveis para a sua prática.

O jornalismo investigativo é mais trabalhoso, mais demorado e também mais cauteloso. Por lidar muitas vezes com assuntos delicados, por vezes denúncias, demanda que tudo seja confirmado mais de uma vez. A questão do tempo foge do tradicional da notícia de, por exemplo, apurar em um dia e publicar no outro. O tempo aqui é necessário e também um privilégio em comparação com outras áreas do jornalismo.

Durante o processo de investigação, os jornalistas devem utilizar todos os caminhos que julgarem como viáveis para obter uma informação. Talvez a parte mais complexa desse tipo de jornalismo seja a falta de uma técnica determinada para apurar. Existem guias e conhecimentos gerais da profissão que servem como auxílio, mas o repórter deve ser criativo, pois nem tudo será disponibilizado ao seu favor. O crucial dessa especificação é a checagem de informações. Cada detalhe deve ser questionado, só assim o produto final vai alcançar a credibilidade necessária para uma denúncia.

Farrow busca fazer o seu trabalho assim. O tema era complicado, então ele foi atrás de caminhos e métodos que o ajudassem. Utilizou o tempo ao seu favor, por mais que às vezes quisesse finalizar logo a reportagem,

compreendeu que mais tempo ajudaria na precisão dos fatos e possibilitaria mais contato com as fontes. A maneira como ele interagiu com suas fontes foi determinante para o sucesso do produto final. Com aquelas que necessitavam mais informações, ressaltava a sua importância de serviço público, e procurava conseguir detalhes e dicas com aquelas que não queriam participar de entrevistas. Mas, além disso, a empatia que ele apresentou com as fontes demonstrou que existia um entendimento da necessidade da publicação do material. Por conta disso, foi feito um incansável trabalho de checagem de informações.

A questão ética foi a segunda parte a ser abordada na pesquisa. Ela é responsável por determinar o que cada repórter vai fazer para conseguir uma informação. Cada pessoa é diferente e possui um senso ético único, por isso, o caminho que um jornalista segue não seja necessariamente o que outro jornalista vai seguir. O contato que o profissional estabelece com o público é outro fator que demonstra decisões éticas pessoais. Deve-se criar uma relação de constante confiança.

O autor encontrou limites do que faria ou não para que a reportagem tivesse credibilidade e também que fosse publicada. Ele fez o que entendeu como necessário para que o público ganhasse a informação sobre o que acontecia em Hollywood. Sair de um veículo de comunicação para outro, arriscando perder informações e fontes, manifesta o desejo de Farrow em entregar a verdade para o público.

A atividade do jornalismo investigativo surge com riscos que os profissionais enfrentam, muitas vezes diariamente. Por isso essa parte também foi avaliada. Os obstáculos no caminho do jornalismo investigativo devem ser resolvidos, pois a necessidade dele na sociedade é grande demais. Se os jornalistas envolvidos na denúncia de Harvey Weinstein não tivessem dado continuidade aos seus trabalhos, o que poderia estar acontecendo? Quantas pessoas poderiam estar sendo chantageadas? Quantas outras mulheres poderiam estar sendo violentadas? É compreensível o receio dos profissionais por conta das ameaças e perigos que a prática recebe. Mas o medo não pode prevalecer sobre a importância da justiça que surge quando uma reportagem investigativa é publicada.

O jornalismo de Ronan Farrow foi um fator colaborativo para o desencadeamento de movimentos como o “*Me Too*” e o “*Time’s Up*”. Não foi a razão principal, mas ajudou a impulsionar a luta que cada vez mais não irá tolerar o comportamento predatório. Não foi a reportagem que prendeu Harvey Weinstein, mas ela o expôs. O jornalismo, principalmente o investigativo, tem essa capacidade, que acaba proporcionando mudanças de realidade. Quando as matérias de Farrow, Kantor e Twohey ganham o prêmio Pulitzer, o reconhecimento surge justamente por exporem comportamentos inadmissíveis e por ajudarem a reprimir a cultura de assédio e abuso sexual de mulheres.

A metodologia, criada especialmente para o presente trabalho, mostrou-se eficaz para realizar a análise. A separação de categorias, destacadas em negrito ao longo do texto e também disponibilizadas em tabelas no final dos itens 2.1 e 2.2, possibilitou criar uma estrutura de organização. Em seguida quando foram unidas conforme o seu papel no processo de apuração e de decisões éticas, facilitaram o desenvolver da pesquisa. Esses tópicos ressaltam os aspectos que tornam o jornalismo investigativo único, fazendo a sua distinção do habitual.

Durante a execução da metodologia, aconteceram aperfeiçoamentos na sua organização para permitir que ela ficasse o mais clara possível. A separação de trechos do livro “Operação Abafa - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio” foi feita para promover a compreensão das situações e analisar a conduta de Farrow. A escolha de utilizar o livro se justifica, pois é nele que o autor relata tudo o que aconteceu precisamente. Essa foi uma opção prática e que permitiu visualizar a complexidade do caso.

Essa organização da metodologia ajudou a responder duas perguntas que direcionaram a pesquisa: Qual foi o processo de apuração do jornalista Ronan Farrow na matéria “*From Aggressive Overtures to Sexual Assaults: Harvey Weinstein’s accusers tell their stories*”?; Como a investigação de Farrow dialoga com a(s) definição(ões) de jornalismo investigativo?. Como ressaltado, o processo do jornalista foi longo, mas guiado pela necessidade do jornalismo de entregar ao público um conteúdo verdadeiro. Ele procurou alternativas para quando não encontrava as respostas pelos caminhos tradicionais do jornalismo e criou o seu próprio método para abordar as fontes. Manteve-se ético conforme os seus valores e cumpriu o seu objetivo de entregar um conteúdo de

interesse público. Assim, esteve diretamente ligado com o as características que compõem o jornalismo investigativo.

Para a autora, fica clara a necessidade do jornalismo investigativo e de seu papel na sociedade. Suas práticas podem e devem ser questionadas para garantir um produto final exemplar. Julgar as decisões éticas de um profissional é a parte mais complicada, visto que o senso de ética é pessoal.

O trabalho de Ronan Farrow foi muito bem executado. O processo de apuração possuiu suas dificuldades, mas o repórter encontrou maneiras de solucionar os seus empecilhos. O seu relacionamento com as fontes foi um constante processo de negociação, que resultou em uma técnica para a aproximação. Todavia, o seu senso de compreensão com as vítimas e a noção da importância da história são os grandes destaques do processo de apuração.

O jornalismo investigativo não pode ter sua relevância diminuída. No momento atual, em que a desinformação ganha mais espaço, é preciso que o público valorize o processo de apuração e a checagem de informações. Também é necessário que trabalhem para tornar o jornalismo investigativo mais comum, como o jornalismo habitual, não o tornando a mesma coisa, mas que sua prática seja tão realizada quanto, e que possivelmente seja vista menos como uma ameaça e mais como um serviço essencial para as sociedades.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAJI. Como lidar com assédio contra jornalistas nas redes. **ABRAJI**, 2018. Disponível em: <[https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/7c9b338b-d40e-476e-a231-7ded238066e0/21034013-c8f5-49c3-a7da-c505f8a16ba6.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/7c9b338b-d40e-476e-a231-7ded238066e0/21034013-c8f5-49c3-a7da-c505f8a16ba6.pdf)>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

Agence France-Presse. Ronan Farrow, de menino prodígio a premiado cronista do #MeToo. **Estado de Minas**, 2018. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/10/04/interna\\_internacional,994262/ronan-farrow-de-menino-prodigio-a-premiado-cronista-do-metoo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/10/04/interna_internacional,994262/ronan-farrow-de-menino-prodigio-a-premiado-cronista-do-metoo.shtml)>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

ALDÉ, Alessandra; XAVIER, Gabriela; BARRETOS, Diego. Critérios jornalísticos de noticiabilidade: discurso ético e rotina produtiva. In: X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste, Rio de Janeiro, 2004. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/161380636297249727131146912782138369804.pdf>>. Acesso em: 27 de set. 2020.

Associated Press. Matt Lauer lashes out at Ronan Farrow in wake of New York Times critique. **The Guardian**, 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2020/may/19/matt-lauer-lashes-out-at-ronan-farrow-in-wake-of-new-york-times-critique>>. Acesso em: 27 de set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network journalism': Converging competencies of old and new media professionals. **Australian journalism review**, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001.

BOLSONARO é processado por ofensas de conotação sexual à repórter Patrícia Campos Mello. **ISTOÉ**, 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/jair-bolsonaro-e-processado-por-ofensas-de-conotacao-sexual-a-reporter-patricia-campos-mello/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

BRASIL. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>>. Acesso em: 26 de set. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BROWNING, Jonathan. Harvey Weinstein Faces New Legal Front in London Assault Case. **Bloomberg**, 2020. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-05-06/harvey-weinstein-faces-new-legal-front-in-london-assault-case>>. Acesso em: 04 de set. de 2020.

CARVALHO, Guilherme. **A ética no jornalismo brasileiro**: conceitos, práticas e normas. Curitiba: Editora Intersaberes, 2018.

CASO Watergate. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Watergate](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Watergate)>. Acesso em: 27 de set. 2020.

CATCH and kill. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Catch\\_and\\_kill#:~:text=Catch%20and%20kill%20is%20a,damaging%20to%20a%20third%20party.](https://en.wikipedia.org/wiki/Catch_and_kill#:~:text=Catch%20and%20kill%20is%20a,damaging%20to%20a%20third%20party.)>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo** / Rogério Christofoletti. - São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. O caso do Brasil: Valores, códigos de ética e novos regramentos para o jornalismo nas redes sociais. **Cuadernos de Información**, n. 29, p. 25-34, 2011.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 1, p. 29-50, 2008.

CITY of God. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/City\\_of\\_God\\_\(2002\\_film\)#Production](https://en.wikipedia.org/wiki/City_of_God_(2002_film)#Production)>. Acesso em 28 de ago. de 2020.

COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. **Committee to Protect Journalists**, 2020. Disponível em: <<https://cpj.org/>>. Acesso em: 14 de set. de 2020.

DEEP Throat. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Deep\\_Throat\\_\(informante\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Deep_Throat_(informante))>. Acesso em: 27 de set. 2020.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do jornalismo**, v. 2, n. 4, 2015.

DICKSON, EJ. The Ronan Farrow Takedown in 'The New York Times,' Explained. **Rolling Stone**, 2020. Disponível em:

<<https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/ronan-farrow-ben-smith-new-york-times-harvey-weinstein-matt-lauer-1001532/>>. Acesso em: 27 de set. 2020.

FARROW, Ronan. **Catch and Kill: Lies, Spies, and a Conspiracy to Protect Predators**. 1 ed. Little, Brown and Company, 2019.

FARROW, Ronan. **Operação Abafa** - Predadores Sexuais e a Indústria do Silêncio. Ainda, 17 de dezembro de 2019. *E-book*.

FARROW, Ronan. From Aggressive Overtures to Sexual Assaults: Harvey Weinstein's accusers tell their stories. **The New Yorker**, 2017. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/news-desk/from-aggressive-overtures-to-sexual-assault-harvey-weinsteins-accusers-tell-their-stories>>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

FARROW, Ronan. My Father, Woody Allen, and the Danger of Questions Unasked (Guest Column). **The Hollywood Reporter**, 2016. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/my-father-woody-allen-danger-892572>>. Acesso em: 04 de set. de 2020.

FARROW, Ronan. The Black Cube Chronicles: The Undercover Operative. **The New Yorker**, 2019. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/annals-of-espionage/the-black-cube-chronicles-the-undercover-operative>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

First Amendment to the United States Constitution. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/First\\_Amendment\\_to\\_the\\_United\\_States\\_Constitution#Freedom\\_of\\_speech\\_and\\_of\\_the\\_press](https://en.wikipedia.org/wiki/First_Amendment_to_the_United_States_Constitution#Freedom_of_speech_and_of_the_press)>. Acesso em: 03 out. 2020.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. Editora Contexto, 2005.

FREDRIK Örnevall. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Fredrik\\_%C3%96rnevall](https://en.wikipedia.org/wiki/Fredrik_%C3%96rnevall)>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

G1 Rio. Homem é preso após invadir a TV Globo e fazer repórter refém; ninguém se feriu. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/10/homem-e-preso-apos-invadir-a-tv-globo-e-fazer-reporter-refem.ghtml>>. Acesso em: 03 out. 2020.

GEHLEN, Marco Antônio. Fact-checking: o caso da Lupa, a primeira agência de checagem de notícias do Brasil. **Fronteiras do jornalismo modelos de negócio**, p. 44, 2020. Disponível em:

<[http://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20190103-ej9\\_2018.pdf#page=44](http://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20190103-ej9_2018.pdf#page=44)>. Acesso em: 03 out. 2020.

GERALDO, Nathália. Movimento #Exposed: mulheres expõem casos de assédio e estupro no Twitter. **Uol**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/01/elas-se-calaram- agora-expoem-casos-de-assedio-e-estupro-no-twitter.htm>>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

HARVEY Weinstein sexual abuse cases. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Harvey\\_Weinstein\\_sexual\\_abuse\\_cases#Criminal\\_prosecutions](https://en.wikipedia.org/wiki/Harvey_Weinstein_sexual_abuse_cases#Criminal_prosecutions)>. Acesso em: 04 de set. de 2020.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias**: um manual para jornalistas investigativos. Brasília: Unesco, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456por.pdf>>.

JOÃO de Deus (médium). **Wikipédia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_de\\_Deus\\_\(m%C3%A9dium\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_de_Deus_(m%C3%A9dium))>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

KANTOR, Jodi; TWOHEY, Megan. Harvey Weinstein Paid Off Sexual Harassment Accusers for Decades. **The New York Times**, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.htm>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

LIST of Miramax films. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_Miramax\\_films](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Miramax_films)>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

LOPES, Felisbela. Os jornalistas e os constrangimentos que atormentam a profissão: entre as pressões do mercado e a imposição das fontes de informação. **Estudos de Jornalismo**, v. 6, pp: 70-81, 2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/76177811.pdf>>. Acesso em: 12 de out. de 2020.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003.

MAIA, Marta; BARRETOS, Dayane. O jornalismo de testemunho na obra Operação Massacre. In: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP, São Paulo, 2017. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/632/315>>. Acesso em: 25 de set. 2020.

MARCET, Jose Maria Caminos. **Periodismo de investigación: Teoría y práctica**. Madrid: Síntesis, 1997.

MARTINELLI, Andréa. Operação Abafa: Leia trecho exclusivo do livro de Ronan Farrow sobre caso Harvey Weinstein. **Huffpost Brasil**, 2020. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/ronan-farrow-harvey-weinstein\\_br\\_5e209ef2c5b674e44b946204](https://www.huffpostbrasil.com/entry/ronan-farrow-harvey-weinstein_br_5e209ef2c5b674e44b946204)>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

MARTINO, Luis Mauro Sá; SILVA, Lídia Rogatto. Paradoxos e fronteiras éticas do jornalismo investigativo na doutrina jornalística brasileira. **Revista Comunicação Midiática**, v.8, n.1, pp.13-29, 2013.

MCGOWAN, Rose. **Because it's been an open secret in Hollywood/Media & they shamed me while adulating my rapist. #WhyWomenDontReport**. 13 out. 2016. Twitter: @rosemcgowan. Disponível em: <[https://twitter.com/rosemcgowan/status/786723360550035460?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E786723360550035460%7Ctwgr%5E&ref\\_url=https%3A%2F%2Fwww.indiewire.com%2F2016%2F10%2Frose-mcgowan-tweets-raped-by-hollywood-executive-1201736965%2F](https://twitter.com/rosemcgowan/status/786723360550035460?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E786723360550035460%7Ctwgr%5E&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.indiewire.com%2F2016%2F10%2Frose-mcgowan-tweets-raped-by-hollywood-executive-1201736965%2F)>. Acesso em: 13 nov. 2020.

ME Too Movement. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Me\\_Too\\_movement](https://en.wikipedia.org/wiki/Me_Too_movement)>. Acesso em: 04 de set. de 2020.

MELLO, Daniel. Para especialistas, difusão de fake news está ligada à crise do jornalismo. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/para-especialistas-difusao-de-fake-news-esta-ligada-crise-do-jornalismo>>. Acesso em: 03 out. 2020.

MOVIMENTO Me Too. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Me\\_Too](https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Me_Too)>. Acesso em: 04 de set. de 2020.

MOREIRA, Isabela. "A cultura do estupro faz a culpa ser transferida do agressor para a vítima". **Revista Galileu**, 2017. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/cultura-do-estupro-faz-culpa-ser-transferida-do-agressor-para-vitima.html>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NORONHA, Mariana Galvão; ROCHA, Paula Melani. Jornalismo Investigativo: O processo de produção da reportagem pela perspectiva do repórter. In: IV Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, Morumbi, 2017. Universidade Anhembi-Morumbi, 2017. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <[https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/4/Jornalismo\\_Investigativo\\_O\\_processo\\_de\\_producao\\_da\\_reportagem\\_pela\\_perspectiva\\_do\\_reporter.pdf](https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/4/Jornalismo_Investigativo_O_processo_de_producao_da_reportagem_pela_perspectiva_do_reporter.pdf)>. Acesso em: 13 de set. 2020.

PATRÍCIA Campos Mello. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Patr%C3%ADcia\\_Campos\\_Mello](https://pt.wikipedia.org/wiki/Patr%C3%ADcia_Campos_Mello)>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

PEREIRA, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006.

Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira\\_Emenda\\_%C3%A0\\_Constitui%C3%A7%C3%A3o\\_dos\\_Estados\\_Unidos#:~:text=%22O%20congresso%20n%C3%A3o%20dever%C3%A1%20fazer,sejam%20feitas%20repara%C3%A7%C3%B5es%20de%20queixas%22.>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Emenda_%C3%A0_Constitui%C3%A7%C3%A3o_dos_Estados_Unidos#:~:text=%22O%20congresso%20n%C3%A3o%20dever%C3%A1%20fazer,sejam%20feitas%20repara%C3%A7%C3%B5es%20de%20queixas%22.>)>. Acesso em: 03 out. 2020.

PRNewswire. De fake news à queda de credibilidade: pesquisa aponta desafios enfrentados pelo jornalismo atual. **Exame**, 2019. Disponível em: <<https://exame.com/negocios/releases/de-fake-news-a-queda-de-credibilidade-pesquisa-aponta-desafios-enfrentados-pelo-jornalismo-atual/>>. Acesso em: 03 out. 2020.

PROTESS, David L. et al. **The journalism of outrage - Investigative Reporting and Agenda Building in America**. Nova York: The Guilford Press, 1991.

PIRES, Breiller. Morte de jornalista joga luz no cerco a profissionais na fronteira com o Paraguai. **El País**, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-13/morte-de-jornalista-joga-luz-no-cerco-a-profissionais-na-fronteira-com-o-paraguai.html>>. Acesso em: 03 out. 2020.

Pública. E quando o jornalista é vítima de perseguição?. **Pública**, 2017. Disponível em: <<https://apublica.org/2017/08/e-quando-o-jornalista-e-vitima-de-perseguiacao/>>. Acesso em: 03 out. 2020.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. 2016. Tese de Doutorado. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

Reporters Without Borders. RFI reporter Ahmed Abba released!. **Reporters Without Borders**, 2017. Disponível em: <<https://rsf.org/en/news/rfi-reporter-ahmed-abba-released>>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

ROCHA, Paula Melani; NORONHA, Mariana Galvão. A teoria e a prática do jornalismo investigativo: Uma análise das reportagens premiadas da Agência Pública. **Revista Observatório**, v. 1, n. 1, p. 18-42, 2015.

RODRIGUES, Rodrigo; LARA, Wallace. Justiça condena dois homens por racismo e injúria racial contra a jornalista Maju Coutinho. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/09/tj-de-sp-condena-dois-homens-por-racismo-e-injuria-racial-contr-a-jornalista-maju-coutinho.ghtml>>. Acesso em: 27 de set. 2020.

RONAN Farrow. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Ronan\\_Farrow](https://en.wikipedia.org/wiki/Ronan_Farrow)>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 18 de out. 2020.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SERPA, Leoní. O jornalismo investigativo e o desafio de fazer frente à transformações contemporâneas. In: II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, 2015, Morumbi. Universidade Anhembi-Morumbi, 2015. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <[https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/2/leoni\\_serpa.pdf](https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/2/leoni_serpa.pdf)>. Acesso em: 13 de set. 2020.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

TIME'S Up (movement). **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Time%27s\\_Up\\_\(movement\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Time%27s_Up_(movement))>. Acesso em: 04 de set. de 2020.

Trump ataca imprensa após notícia de não pagamento do IR por vários anos. **Valor Econômico**, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/09/28/trump-ataca-imprensa-apos-noticia-de-nao-pagamento-do-ir-por-varios-anos.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Shield laws in the United States. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Shield\\_laws\\_in\\_the\\_United\\_States#State\\_laws](https://en.wikipedia.org/wiki/Shield_laws_in_the_United_States#State_laws)>. Acesso em 03 out. 2020.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, PB, v.17, n.1. 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>>. Acesso em: 18 out. 2020.

SMITH, Ben. Is Ronan Farrow Too Good to Be True?. **The New York Times**, 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/05/17/business/media/ronan-farrow.html>>. Acesso em: 27 de set. 2020.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SPINELLI, Egle Müller; DE ALMEIDA SANTOS, Jéssica. JORNALISMO NA ERA DA PÓS-VERDADE: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. **Revista Observatório**, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018.

The Late Show with Stephen Colbert. **Ronan Farrow Faced Intimidation While Exposing Harvey Weinstein**. 2017. (9min50s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lunN-cg8mVE>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

THE 2018 Pulitzer Prize Winner in Public Service. **The Pulitzer Prizes**, 2018. Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/winners/new-york-times-reporting-led-jodi-kantor-and-megan-twohey-and-new-yorker-reporting-ronan>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

United States. **Code of Ethics**. Society of Professional Journalists. Disponível em: <<https://www.spj.org/ethicscode.asp>>. Acesso em: 03 out. 2020.



VEJA. Jornalista é julgado por ajudar jovem sírio a entrar na Suécia. **Veja**, 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/jornalista-e-julgado-por-ajudar-crianca-siria-a-entrar-na-suecia/>>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

VIRISSIMO, Vivian de Azevedo. Jornalismo Investigativo na Internet – A Apuração nas Redes e Questões de Epistemologia. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Guarapuava, 2008. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0724-1.pdf>>. Acesso em: 07 de nov. 2020.

WARREN, Katie. Harvey Weinstein was just sentenced to 23 years in prison. Here's a timeline of the conflict between journalist Ronan Farrow and NBC, the network accused of trying to kill his exposé. **Business Insider**, 2020. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/ronan-farrow-nbc-harvey-weinstein-investigation-timeline-2019-10#late-2016-investigative-journalist-ronan-farrow-and-nbc-staff-producer-rich-mchugh-pitch-a-story-to-nbc-news-president-noah-oppenheim-about-hollywoods-casting-couch-or-the-practice-of-powerful-men-exchanging-sex-with-women-for-film-roles-2>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

WEINSTEIN effect. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Weinstein\\_effect](https://en.wikipedia.org/wiki/Weinstein_effect)>. Acesso em: 04 de set. de 2020.

WOODY Allen. **Wikipédia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Woody\\_Allen#Sexual\\_abuse\\_allegation](https://en.wikipedia.org/wiki/Woody_Allen#Sexual_abuse_allegation)>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

ZAREMBA, Júlia. Maioria das mulheres não denuncia agressor à polícia ou à família, indica pesquisa. **Folha de S.Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/maioria-das-mulheres-nao-denuncia-agressor-a-policia-ou-a-familia-indica-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

## ANEXO A

## Reportagem De Ronan Farrow:

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

A REPORTER AT LARGE OCTOBER 23, 2017 ISSUE

## FROM AGGRESSIVE OVERTURES TO SEXUAL ASSAULT: HARVEY WEINSTEIN'S ACCUSERS TELL THEIR STORIES

*Multiple women share harrowing accounts of sexual assault  
and harassment by the film executive.*

By Ronan Farrow

October 10, 2017



*In the course of a ten-month investigation, thirteen women interviewed said that, between the nineteen-nineties and 2015, Weinstein sexually harassed or assaulted them. Illustration by Oliver Munday; source photograph by Raymond Hall / GC Images via Getty*

*This story was first published on newyorker.com on October 10, 2017, at 10:47 A.M. The version below appears in the October 23, 2017, issue.*

1.

Since the establishment of the first studios, a century ago, there have been few movie executives as dominant, or as domineering, as Harvey Weinstein. He co-founded the production-and-distribution companies Miramax and the Weinstein Company, helping to reinvent the model for independent films with movies including “Sex, Lies, and Videotape,” “The Crying

<https://www.newyorker.com/news/news-desk/from-aggressive-overtures-to-sexual-assault-harvey-weinsteins-accusers-tell-their-stories>

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

Game," "Pulp Fiction," "The English Patient," "Shakespeare in Love," and "The King's Speech." Beyond Hollywood, he has exercised his influence as a prolific fund-raiser for Democratic Party candidates, including [Barack Obama](#) and Hillary Clinton. Weinstein combined a keen eye for promising scripts, directors, and actors with a bullying, even threatening, style of doing business, inspiring both fear and gratitude. His movies have earned more than three hundred Oscar nominations, and, at the annual awards ceremonies, he has been thanked more than almost anyone else in movie history, ranking just after [Steven Spielberg](#) and right before God.

For more than twenty years, Weinstein, who is now sixty-five, has also been trailed by rumors of sexual harassment and assault. His behavior has been an open secret to many in Hollywood and beyond, but previous attempts by many publications, including *The New Yorker*, to investigate and publish the story over the years fell short of the demands of journalistic evidence. Too few people were willing to speak, much less allow a reporter to use their names, and Weinstein and his associates used nondisclosure agreements, payoffs, and legal threats to suppress their accounts. Asia Argento, an Italian film actress and director, said that she did not speak out until now—Weinstein, she told me, forcibly performed oral sex on her—because she feared that Weinstein would "crush" her. "I know he has crushed a lot of people before," Argento said. "That's why this story—in my case, it's twenty years old, some of them are older—has never come out."

On October 5th, the *New York Times*, in a powerful [report](#) by Jodi Kantor and Megan Twohey, revealed multiple allegations of sexual harassment against Weinstein, an article that led to the resignation of four members of the Weinstein Company's all-male board, and to Weinstein's firing.

The story, however, is complex, and there is more to know and to understand. In the course of a ten-month investigation, I was told by thirteen women that, between the nineteen-nineties and 2015, Weinstein sexually harassed or assaulted them. Their allegations corroborate and overlap with the *Times's* revelations, and also include far more serious claims.

Three of the women—among them Argento and a former aspiring actress named Lucia Evans—told me that Weinstein had raped them, forcibly performing or receiving oral sex or forcing vaginal sex. Four women said that they had experienced unwanted touching that could be classified as an assault. In an audio recording captured during a New York Police Department sting operation in 2015, Weinstein admits to groping a Filipina-Italian model named Ambra Battilana Gutierrez, describing it as behavior he is "used to." Four of the women I interviewed cited encounters in which Weinstein exposed himself or masturbated in front of them.



Sixteen former and current executives and assistants at Weinstein's companies told me that they witnessed or had knowledge of unwanted sexual advances and touching at events associated with Weinstein's films and in the workplace. They and others described a pattern of professional meetings that were little more than thin pretexts for sexual advances on young actresses and models. All sixteen said that the behavior was widely known within both Miramax and the Weinstein Company. Messages sent by Irwin Reiter, a senior company executive, to Emily Nestor, one of the women who alleged that she was harassed, described the "mistreatment of women" as a serial problem that the Weinstein Company had been struggling with in recent years. Other employees described what was, in essence, a culture of complicity at Weinstein's places of business, with numerous people throughout his companies fully aware of his behavior but either abetting it or looking the other way. Some employees said that they were enlisted in a subterfuge to make the victims feel safe. A female executive with the company described how Weinstein's assistants and others served as a "honeypot"—they would initially join a meeting along with a woman Weinstein was interested in, but then Weinstein would dismiss them, leaving him alone with the woman. (On October 10th, the Weinstein Company's board issued a statement, writing that "these allegations come as an utter surprise to the Board. Any suggestion that the Board had knowledge of this conduct is false.")

Virtually all of the people I spoke with told me that they were frightened of retaliation. "If Harvey were to discover my identity, I'm worried that he could ruin my life," one former employee told me. Many said that they had seen Weinstein's associates confront and intimidate those who crossed him, and feared that they would be similarly targeted. Four actresses, including Mira Sorvino and Rosanna Arquette, told me they suspected that, after they rejected Weinstein's advances or complained about them to company representatives, Weinstein had them removed from projects or dissuaded people from hiring them. Multiple sources said that Weinstein frequently bragged about planting items in media outlets about those who spoke against him; these sources feared similar retribution. Several pointed to Gutierrez's case: after she went to the police, negative items discussing her sexual history and impugning her credibility began rapidly appearing in New York gossip pages. (In the taped conversation, part of which *The New Yorker* posted online, Weinstein asks Gutierrez to join him for "five minutes," and warns, "Don't ruin your friendship with me for five minutes.")

Several former employees told me that they were speaking about Weinstein's alleged behavior now because they hoped to protect women in the future. "This wasn't a one-off. This wasn't a period of time," an executive who worked for Weinstein for many years

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

told me. "This was ongoing predatory behavior toward women—whether they consented or not."

It's likely that the women who spoke to me have recently felt increasingly emboldened to talk about their experiences because of the way the world has changed regarding issues of sex and power. Their disclosures follow in the wake of stories alleging sexual misconduct by public figures, including [Donald Trump](#), [Bill O'Reilly](#), [Roger Ailes](#), and [Bill Cosby](#). In October, 2016, a month before the election, a tape emerged of Trump telling a celebrity-news reporter, "And when you're a star, they let you do it. You can do anything. . . . Grab 'em by the pussy. You can do anything." This past April, O'Reilly, a host at Fox News, was forced to resign after Fox was discovered to have paid five women millions of dollars in exchange for silence about their accusations of sexual harassment. Ailes, the former head of Fox News, resigned in July, 2016, after he was accused of sexual harassment. Cosby went on trial this summer, charged with drugging and sexually assaulting a woman. The trial ended with a hung jury.

In the *Times* piece, Weinstein made an initial effort at damage control by partly acknowledging what he had done, saying, "I appreciate the way I've behaved with colleagues in the past has caused a lot of pain, and I sincerely apologize for it." In an interview with the *New York Post*, he said, "I've got to deal with my personality, I've got to work on my temper, I have got to dig deep. I know a lot of people would like me to go into a facility, and I may well just do that—I will go anywhere I can learn more about myself." He went on, "In the past I used to compliment people, and some took it as me being sexual, I won't do that again." In his written statement to the *Times*, Weinstein claimed that he would "channel that anger" into a fight against the leadership of the National Rifle Association. He also said that it was not "coincidental" that he was organizing a foundation for women directors at the University of Southern California. "It will be named after my mom and I won't disappoint her." (U.S.C. has since rejected his funding pledge.)

Sallie Hofmeister, a spokesperson for Weinstein, issued a new statement in response to the allegations detailed here. It reads in full: "Any allegations of non-consensual sex are unequivocally denied by Mr. Weinstein. Mr. Weinstein has further confirmed that there were never any acts of retaliation against any women for refusing his advances. Mr. Weinstein obviously can't speak to anonymous allegations, but with respect to any women who have made allegations on the record, Mr. Weinstein believes that all of these relationships were consensual. Mr. Weinstein has begun counseling, has listened to the community and is pursuing a better path. Mr. Weinstein is hoping that, if he makes enough progress, he will be given a second chance."

While Weinstein and his representatives have said that the incidents were consensual, and were not widespread or severe, the women I spoke to tell a very different story.

## 2.

**L**ucia Stoller, now Lucia Evans, was approached by Weinstein at Cipriani Upstairs, a club in New York, in 2004, the summer before her senior year at Middlebury College. Evans, who is now a marketing consultant, wanted to be an actress, and although she had heard rumors about Weinstein she let him have her number. Weinstein began calling her late at night, or having an assistant call her, asking to meet. She declined, but said that she would do readings during the day for a casting executive. Before long, an assistant called to set up a daytime meeting at the Miramax office in Tribeca, first with Weinstein and then with a casting executive, who was a woman. "I was, like, Oh, a woman, great, I feel safe," Evans said.

When Evans arrived for the meeting, the building was full of people. She was led to an office with exercise equipment in it, and takeout boxes on the floor. Weinstein was there, alone. Evans said that she found him frightening. "The type of control he exerted—it was very real," she told me. "Even just his presence was intimidating."

In the meeting, Evans recalled, "he immediately was simultaneously flattering me and demeaning me and making me feel bad about myself." Weinstein told her that she'd "be great in 'Project Runway'"—the show, which Weinstein helped produce,

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

premiered later that year—but only if she lost weight. He also told her about two scripts, a horror movie and a teen love story, and said one of his associates would discuss them with her.

“At that point, after that, is when he assaulted me,” Evans said. “He forced me to perform oral sex on him.” As she objected, Weinstein took his penis out of his pants and pulled her head down onto it. “I said, over and over, ‘I don’t want to do this, stop, don’t,’” she recalled. “I tried to get away, but maybe I didn’t try hard enough. I didn’t want to kick him or fight him.” In the end, she said, “he’s a big guy. He overpowered me.” She added, “I just sort of gave up. That’s the most horrible part of it, and that’s why he’s been able to do this for so long to so many women: people give up, and then they feel like it’s their fault.”

Weinstein appeared to find the encounter unremarkable. “It was like it was just another day for him,” Evans said. “It was no emotion.” Afterward, he acted as if nothing had happened. She wondered how Weinstein’s staff could not know what was going on.

Following the encounter, she met with the female casting executive, who sent her the scripts, and also came to one of her acting-class readings a few weeks later. (Evans does not believe that the executive was aware of Weinstein’s behavior.) Weinstein, Evans said, began calling her again late at night. She told me that the entire sequence of events had a routine quality. “It feels like a very streamlined process,” she said. “Female casting director, Harvey wants to meet. Everything was designed to make me feel comfortable before it happened. And then the shame in what happened was also designed to keep me quiet.”

Evans said that, after the incident, “I just put it in a part of my brain and closed the door.” She continued to blame herself for not fighting harder. “It was always my fault for not stopping him,” she said. “I had an eating problem for years. I was disgusted with myself. It’s funny, all these unrelated things I did to hurt myself because of this one thing.” Evans told friends some of what had happened, but felt largely unable to talk about it. “I ruined several really good relationships because of this. My schoolwork definitely suffered, and my roommates told me to go to a therapist because they thought I was going to kill myself.”

In the years that followed, Evans encountered Weinstein occasionally. Once, while she was walking her dog in Greenwich Village, she saw him getting into a car. “I very clearly saw him. I made eye contact,” she said. “I remember getting chills down my spine just looking at him. I was so horrified. I have nightmares about him to this day.”

### 3.

**A**sia Argento, who was born in Rome, played the role of a glamorous thief named Beatrice in the crime drama “B. Monkey,” which was released in the U.S. in 1999. The distributor was Miramax. In a series of long and often emotional interviews, Argento told me that Weinstein assaulted her while they were working together.

At the time, Argento was twenty-one and had twice won the Italian equivalent of the Oscar. Argento said that, in 1997, one of Weinstein’s producers invited her to what she understood to be a party thrown by Miramax at the Hôtel du Cap-Eden-Roc, on the French Riviera. Argento felt professionally obliged to attend. When the producer led her upstairs that evening, she said, there was no party, only a hotel room, empty but for Weinstein: “I’m, like, ‘Where is the fucking party?’” She recalled the producer telling her, “Oh, we got here too early,” before he left her alone with Weinstein. (The producer denies bringing Argento to the room that night.) At first, Weinstein was solicitous, praising her work. Then he left the room. When he returned, he was wearing a bathrobe and holding a bottle of lotion. “He asks me to give a massage. I was, like, ‘Look, man, I am no fucking fool,’” Argento told me. “But, looking back, I am a fucking fool. And I am still trying to come to grips with what happened.”

Argento said that, after she reluctantly agreed to give Weinstein a massage, he pulled her skirt up, forced her legs apart, and performed oral sex on her as she repeatedly told him to stop. Weinstein “terrified me, and he was so big,” she said. “It wouldn’t stop. It was a nightmare.”

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

At some point, she stopped saying no and feigned enjoyment, because she thought it was the only way the assault would end. "I was not willing," she told me. "I said, 'No, no, no.' . . . It's twisted. A big fat man wanting to eat you. It's a scary fairy tale."

Argento, who insisted that she wanted to tell her story in all its complexity, said that she didn't physically fight him off, something that has prompted years of guilt.

"The thing with being a victim is I felt responsible," she said. "Because, if I were a strong woman, I would have kicked him in the balls and run away. But I didn't. And so I felt responsible." She described the incident as a "horrible trauma." Decades later, she said, oral sex is still ruined for her. "I've been damaged," she told me. "Just talking to you about it, my whole body is shaking."

Argento recalled sitting on the bed after the incident, her clothes "in shambles," her makeup smeared. She said that she told Weinstein, "I am not a whore," and that he began laughing. He said he would put the phrase on a T-shirt. Afterward, Argento said, "He kept contacting me." For a few months, Weinstein seemed obsessed, offering her expensive gifts.

What complicates the story, Argento readily allowed, is that she eventually yielded to Weinstein's further advances and even grew close to him. Weinstein dined with her, and introduced her to his mother. Argento told me, "He made it sound like he was my friend and he really appreciated me." She said that she had consensual sexual relations with him multiple times over the course of the next five years, though she described the encounters as one-sided and "onanistic." The first occasion, several months after the alleged assault, came before the release of "B. Monkey." "I felt I had to," she said. "Because I had the movie coming out and I didn't want to anger him." She believed that Weinstein would ruin her career if she didn't comply. Years later, when she was a single mother dealing with childcare, Weinstein offered to pay for a nanny. She said that she felt "obliged" to submit to his sexual advances.

Argento told me that she knew this contact would be used to attack the credibility of her allegation. In part, she said, the initial assault made her feel overpowered each time she encountered Weinstein, even years later. "Just his body, his presence, his face, bring me back to the little girl that I was when I was twenty-one," she told me. "When I see him, it makes me feel little and stupid and weak." She broke down as she struggled to explain. "After the rape, he won," she said.

In 2000, Argento released "Scarlet Diva," a movie that she wrote and directed. In the film, a heavyset producer corners Anna, the character played by Argento, in a hotel room, asks her for a massage, and tries to assault her. After the movie came out, women began approaching Argento, saying that they recognized Weinstein's behavior in the portrayal. "People would ask *me* about *him* because of the scene in the movie," she said. Some recounted similar details to her: meetings and professional events moved to hotel rooms, bathrobes and massage requests, and, in one other case, forced oral sex.

Weinstein, according to Argento, saw the film after it was released in the U.S., and apparently recognized himself. "Ha, ha, very funny," Argento remembered him saying to her. But he also said that he was "sorry for whatever happened." The movie's most significant departure from the real-life incident, Argento told me, was how the hotel-room scene ended. "In the movie I wrote," she said, "I ran away."

Other women were too afraid to allow me to use their names, but their stories are uncannily similar to these allegations. One, a woman who worked with Weinstein, explained her reluctance to be identified. "He drags your name through the mud, and he'll come after you hard with his legal team."

Like others I spoke to, this woman said that Weinstein brought her to a hotel room under a professional pretext, changed into a bathrobe, and, she said, "forced himself on me sexually." She told him no, repeatedly and clearly. Afterward, she experienced "horror, disbelief, and shame," and considered going to the police. "I thought it would be a 'he said, she said,' and I thought about how impressive his legal team is, and I thought about how much I would lose, and I decided to just move forward," she said. The woman continued to have professional contact with Weinstein after the alleged rape, and acknowledged that subsequent

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

communications between them might suggest a normal working relationship. "I was in a vulnerable position and I needed my job," she told me. "It just increases the shame and the guilt."

## 4.

**M**ira Sorvino, who starred in several of Weinstein's films, told me that he sexually harassed her and tried to pressure her into a physical relationship while they were working together. She said that, at the Toronto International Film Festival in September, 1995, she found herself in a hotel room with Weinstein, who produced the movie she was there to promote, "Mighty Aphrodite," for which she later won an Academy Award. "He started massaging my shoulders, which made me very uncomfortable, and then tried to get more physical, sort of chasing me around," she recalled. She scrambled for ways to ward him off, telling him that it was against her religion to date married men. (At the time, Weinstein was married to Eve Chilton, a former assistant.) Then she left the room.

A few weeks later, in New York City, her phone rang after midnight. It was Weinstein, saying that he had new marketing ideas for the film and asking to get together. Sorvino offered to meet him at an all-night diner, but he said he was coming over to her apartment and hung up. "I freaked out," she told me. She called a friend and asked him to come over and pose as her boyfriend. The friend hadn't arrived by the time Weinstein rang her doorbell. "Harvey had managed to bypass my doorman," she said. "I opened the door terrified, brandishing my twenty-pound Chihuahua mix in front of me, as though that would do any good." When she told Weinstein that her new boyfriend was on his way, he became dejected and left.

Sorvino said that she struggled for years with whether to come forward with her story, partly because she was aware that it was mild compared with the experiences of other women, including Sophie Dix, an actress she spoke to at the time. (Dix told me that she had locked herself in a hotel bathroom to escape Weinstein, and that he had masturbated in front of her. She said it was "a classic case" of "someone not understanding the word 'no.' . . . I must have said no a thousand times.") The fact that Weinstein was so instrumental in Sorvino's success also made her hesitate: "I have great respect for Harvey as an artist, and owe him and his brother a debt of gratitude for the early success in my career, including the Oscar." She had professional contact with Weinstein for years after the incident, and remains a close friend of his brother and business partner, Bob Weinstein. (She never told Bob about his brother's behavior.)

Sorvino said that she felt afraid and intimidated, and that the incidents had a significant impact on her. When she told a female employee at Miramax about the harassment, the woman's reaction "was shock and horror that I had mentioned it." Sorvino appeared in a few more of Weinstein's films afterward, but felt that saying no to Weinstein and reporting the harassment had ultimately hurt her career. She said, "There may have been other factors, but I definitely felt iced out and that my rejection of Harvey had something to do with it."

## 5.

**I**n March, 2015, Ambra Battilana Gutierrez, who was once a finalist in the Miss Italy contest, met Harvey Weinstein at a reception for "New York Spring Spectacular," a show that he was producing at Radio City Music Hall. Weinstein introduced himself to Gutierrez, who was twenty-two, remarking repeatedly that she looked like the actress Mila Kunis.

Following the event, Gutierrez's modelling agency e-mailed her to say that Weinstein wanted to set up a business meeting as soon as possible. Gutierrez arrived at Weinstein's office in Tribeca early the next evening with her modelling portfolio. In the office, she sat with Weinstein on a couch to review the portfolio, and he began staring at her breasts, asking if they were real. Gutierrez later told officers of the New York Police Department's Special Victims Division that Weinstein then lunged at her, groping her breasts



14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

and attempting to put a hand up her skirt while she protested. He finally backed off and told her that his assistant would give her tickets to "Finding Neverland," a Broadway musical that he was producing. He said he would meet her at the show that evening.

Instead of going to the show, Gutierrez went to the nearest police station and reported the assault. Weinstein telephoned her later that evening, annoyed that she had failed to appear at the show. She picked up the call while sitting with investigators from the Special Victims Division, who listened in and devised a plan: Gutierrez would agree to see the show the following day and then meet with Weinstein. She would wear a wire and attempt to extract a confession or an incriminating statement.

The next day, Gutierrez met Weinstein at the bar of the Tribeca Grand Hotel. A team of undercover officers helped guide her through the interaction. On the recording, which I have heard in full, Weinstein lists actresses whose careers he has helped and offers Gutierrez the services of a dialect coach. Then he presses her to join him in his hotel room while he showers. Gutierrez says no repeatedly; Weinstein persists, and after a while she accedes to his demand to go upstairs. But, standing in the hallway outside his room, she refuses to go farther. In an increasingly tense exchange, he presses her to enter. Gutierrez says, "I don't want to," "I want to leave," and "I want to go downstairs." She asks him directly why he groped her breasts the day before.

"Oh, please, I'm sorry, just come on in," Weinstein says. "I'm used to that. Come on. Please."

"You're used to that?" Gutierrez asks, sounding incredulous.

"Yes," Weinstein says. He adds, "I won't do it again."

After almost two minutes of back-and-forth in the hallway, Weinstein finally agrees to let her leave.

According to a law-enforcement source, Weinstein, if charged, would most likely have faced a count of sexual abuse in the third degree, a misdemeanor punishable by a maximum of three months in jail. But, as the police investigation proceeded and the allegation was widely reported, details about Gutierrez's past began to appear in the tabloids. In 2010, as a young contestant in the Miss Italy beauty pageant, Gutierrez had attended one of Prime Minister Silvio Berlusconi's infamous "Bunga Bunga" parties. She claimed that she had been unaware of the nature of the party before arriving, and she eventually became a witness in a bribery case against Berlusconi, which is still ongoing. Gossip outlets also reported that Gutierrez, as a teen-ager, had made an allegation of sexual assault against an older Italian businessman but later declined to cooperate with prosecutors.

Two sources close to the police investigation of Weinstein said that they had no reason to doubt Gutierrez's account of the incident. One of them, a police source, said that the department had collected more than enough evidence to prosecute Weinstein. But the other said that Gutierrez's statements about her past complicated the case for the office of the Manhattan District Attorney, Cyrus Vance, Jr. After two weeks of investigation, the D.A.'s office decided not to file charges. The office declined to comment on this story but pointed me to its statement at the time: "This case was taken seriously from the outset, with a thorough investigation conducted by our Sex Crimes Unit. After analyzing the available evidence, including multiple interviews with both parties, a criminal charge is not supported."

"We had the evidence," the police source involved in the operation told me. "It's a case that made me angrier than I thought possible, and I have been on the force a long time."

Gutierrez, when contacted for this story, said that she was unable to discuss the incident. Someone close to the matter told me that, after the D.A.'s office decided not to press charges, Gutierrez, facing Weinstein's legal team, and in return for a payment, signed a highly restrictive nondisclosure agreement with Weinstein, including an affidavit stating that the acts he admits to in the recording never happened.

Weinstein's use of such settlements was reported by the *Times* and confirmed to me by numerous people. A former employee with firsthand knowledge of two settlement negotiations that took place in London in the nineteen-nineties recalled, "It felt like David

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

versus Goliath . . . the guy with all the money and the power flexing his muscle and quashing the allegations and getting rid of them.”

## 6.

The *Times* story disclosed a complaint to the Weinstein Company's office of human resources, filed on behalf of a temporary front-desk assistant named Emily Nestor in December, 2014. Her own account of Weinstein's conduct is being made public here for the first time. Nestor was twenty-five when she started the job and, after finishing law school and starting business school, was considering a career in the movie industry. On her first day in the position, Nestor said, two employees told her that she was Weinstein's "type" physically. When Weinstein arrived at the office, he made comments about her appearance, referring to her as "the pretty girl." He asked how old she was, and then sent all of his assistants out of the room and made her write down her telephone number.

Weinstein told her to meet him for drinks that night. Nestor invented an excuse. When he insisted, she suggested an early-morning coffee the next day, assuming that he wouldn't accept. He did, and told her to meet him at the Peninsula hotel in Beverly Hills, where he was staying. Nestor said that she had talked with friends in the entertainment industry and employees in the company who had warned her about Weinstein's reputation. "I dressed very frumpy," she said.

Nestor told me that the meeting was "the most excruciating and uncomfortable hour of my life." After Weinstein offered her career help, she said, he began to boast about his sexual liaisons with other women, including famous actresses. "He said, 'You know, we could have a lot of fun,'" Nestor recalled. "I could put you in my London office, and you could work there and you could be my girlfriend." She declined. He asked to hold her hand; she said no. In Nestor's account of the exchange, Weinstein said, "Oh, the girls always say no. You know, 'No, no.' And then they have a beer or two and then they're throwing themselves at me." In a tone that Nestor described as "very weirdly proud," Weinstein added "that he'd never had to do anything like Bill Cosby." She assumed that he meant he'd never drugged a woman. "It's just a bizarre thing to be so proud of," she said. "That you've never had to resort to doing that. It was just so far removed from reality and normal rules of consent."

"Textbook sexual harassment" was how Nestor described Weinstein's behavior to me. "It's a pretty clear case of sexual harassment when your superior, the C.E.O., asks one of their inferiors, a temp, to have sex with them, essentially in exchange for mentorship." She recalled refusing his advances at least a dozen times. " 'No' did not mean 'no' to him," she said. "I was very aware of how inappropriate it was. But I felt trapped."

Throughout the breakfast, she said, Weinstein interrupted their conversation to yell into his cell phone, enraged over a spat that Amy Adams, a star in the Weinstein movie "Big Eyes," was having in the press. Afterward, Weinstein told Nestor to keep an eye on the news cycle, which he promised would be spun in his favor. Later in the day, there were indeed negative news items about his opponents, and Weinstein stopped by Nestor's desk to be sure that she'd seen them.

By that point, Nestor recalled, "I was very afraid of him. And I knew how well connected he was. And how if I pissed him off then I could never have a career in that industry." Still, she told a friend about the incident, and he alerted the company's office of human resources, which contacted her. (The friend did not respond to a request for comment.) Nestor had a conversation with company officials about the matter but didn't pursue it further: the officials said that Weinstein would be informed of anything she told them, a practice not uncommon in businesses the size of the Weinstein Company. Several former Weinstein employees told me that the company's human-resources department was utterly ineffective; one female executive described it as "a place where you went to when you didn't want anything to get done. That was common knowledge across the board. Because everything funnelled back to Harvey." She described the department's typical response to allegations of misconduct as "This is his company. If you don't like it, you can leave."

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

Nestor told me that some people at the company did seem concerned. Irwin Reiter, a senior executive who had worked for Weinstein for almost three decades, sent her a series of messages via LinkedIn. “We view this very seriously and I personally am very sorry your first day was like this,” Reiter wrote. “Also if there are further unwanted advances, please let us know.” Last year, just before the Presidential election, he reached out again, writing, “All this Trump stuff made me think of you.” He described Nestor’s experience as part of Weinstein’s serial misconduct. “I’ve fought him about mistreatment of women 3 weeks before the incident with you. I even wrote him an email that got me labelled by him as sex police,” he wrote. “The fight I had with him about you was epic. I told him if you were my daughter he would have not made out so well.” (Reiter declined to comment for this article, but his lawyer, Debra Katz, confirmed the authenticity of the messages and said that Reiter had made diligent efforts to raise these issues, to no avail. Katz also noted that Reiter “is eager to cooperate fully with any outside investigation.”)

Though no assault occurred, and Nestor left after completing her temporary placement, she was profoundly affected by the experience. “I was definitely traumatized for a while, in terms of feeling so harassed and frightened,” she said. “It made me feel incredibly discouraged that this could be something that happens on a regular basis. I actually decided not to go into entertainment because of this incident.”

## 7.

**E**mma de Caunes, a French actress, met Weinstein in 2010, at a party at the Cannes Film Festival. A few months later, he asked her to a lunch meeting at the Hôtel Ritz, in Paris. In the meeting, Weinstein told de Caunes that he was going to be producing a movie with a prominent director, that he planned to shoot it in France, and that it had a strong female role. It was an adaptation of a book, he said, but he claimed he couldn’t remember the title. “But I’ll give it to you,” Weinstein said, according to de Caunes. “I have it in my room.”

De Caunes replied that she had to leave, since she was already running late for a TV show she was hosting—Eminem was appearing on the show that afternoon, and she hadn’t written her questions yet. Weinstein pleaded with her to retrieve the book with him, and finally she agreed. As they got to his room, she received a telephone call from one of her colleagues, and Weinstein disappeared into a bathroom, leaving the door open. She assumed that he was washing his hands.

“When I hung up the phone, I heard the shower go on in the bathroom,” she said. “I was, like, What the fuck, is he taking a shower?” Weinstein came out, naked and with an erection. “What are you doing?” she asked. Weinstein demanded that she lie on the bed and told her that many other women had done so before her.

“I was very petrified,” de Caunes said. “But I didn’t want to show him that I was petrified, because I could feel that the more I was freaking out, the more he was excited.” She added, “It was like a hunter with a wild animal. The fear turns him on.” De Caunes told Weinstein that she was leaving, and he panicked. “We haven’t done anything!” she remembered him saying. “It’s like being in a Walt Disney movie!”

De Caunes told me, “I looked at him and I said—it took all my courage, but I said, ‘I’ve always hated Walt Disney movies.’ And then I left. I slammed the door.” She was shaking on the stairs going down to the lobby. A director she was working with on the TV show confirmed that she arrived at the studio distraught and that she recounted what had happened. Weinstein called relentlessly over the next few hours, offering de Caunes gifts and repeating his assertion that nothing had happened.

De Caunes, who was in her early thirties at the time, was already an established actress, but she wondered what would happen to younger and more vulnerable women in the same situation. Over the years, she said, she’s heard similar accounts from friends. “I know that everybody—I mean *everybody*—in Hollywood knows that it’s happening,” de Caunes said. “He’s not even really hiding. I mean, the way he does it, so many people are involved and see what’s happening. But everyone’s too scared to say anything.”

## 8.

One evening in the early nineties, the actress Rosanna Arquette was supposed to meet Weinstein for dinner at the Beverly Hills Hotel to pick up the script for a new film. At the hotel, Arquette was told to meet Weinstein upstairs, in his room.

Arquette recalled that, when she arrived at the room, Weinstein opened the door wearing a white bathrobe. He said that his neck was sore and that he needed a massage. She told him that she could recommend a good masseuse. "Then he grabbed my hand," she said. He put it on his neck. When she yanked her hand away, Weinstein grabbed it again and pulled it toward his penis, which was visible and erect. "My heart was really racing. I was in a fight-or-flight moment," she said. She told Weinstein, "I will never do that."

Weinstein told her that she was making a huge mistake by rejecting him, and named an actress and a model who he claimed had given in to his sexual overtures and whose careers he said he had advanced as a result. Arquette said she responded, "I'll never be that girl," and left.

Arquette said that after she rejected Weinstein her career suffered. In one case, she believes, she lost a role because of it. "He made things very difficult for me for years," she told me. She did appear in one subsequent Weinstein film—"Pulp Fiction." Arquette believes that she only got that role because of its small size and Weinstein's deference to the filmmaker, Quentin Tarantino. (Disputes later arose over her entitlement to payment out of the film's proceeds.) Arquette said that her silence was the result of Weinstein's power and reputation for vindictiveness. "He's going to be working very hard to track people down and silence people," she explained. "To hurt people. That's what he does."

There are other examples of Weinstein's using the same modus operandi. Jessica Barth, an actress who met him at a Golden Globes party in January, 2011, told me that he invited her to a business meeting at the Peninsula. When she arrived, he asked her over the phone to go up to his room. Weinstein assured her it was "no big deal"—because of his high profile, he simply wanted privacy to "talk career stuff." In the room, she found that Weinstein had ordered champagne and sushi.

Barth said that, in the conversation that followed, Weinstein alternated between offering to cast her in a film and demanding a naked massage in bed. "So, what would happen if, say, we're having some champagne and I take my clothes off and you give me a massage?" she recalled him asking. "And I'm, like, 'That's not going to happen.'"

When she moved toward the door to leave, Weinstein lashed out, saying that she needed to lose weight "to compete with Mila Kunis," and then, apparently in an effort to mollify her, promising a meeting with one of his female executives. "He gave me her number, and I walked out and I started bawling," Barth told me. (Immediately after the incident, she spoke with two people; they confirmed to me that she had described her experience to them at the time.) Barth said that the promised meeting at Weinstein's office seemed to be purely a formality. "I just knew it was bullshit," she said. (The executive she met with did not respond to requests for comment.)

## 9.

Weinstein's behavior deeply affected the day-to-day operations of his companies. Current and former employees described a pattern of meetings and strained complicity that closely matches the accounts of the many women I interviewed. The employees spoke on condition of anonymity because, they said, they feared for their careers in Hollywood and because of provisos in their work contracts.

"There was a large volume of these types of meetings that Harvey would have with aspiring actresses and models," one female executive told me. "He would have them late at night, usually at hotel bars or in hotel rooms. And, in order to make these women

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

feel more comfortable, he would ask a female executive or assistant to start those meetings with him." She was repeatedly asked to join such meetings, she said, but she refused.

The executive said that she was especially disturbed by the involvement of other employees. "It almost felt like the executive or assistant was made to be a honeypot to lure these women in, to make them feel safe," she said. "Then he would dismiss the executive or the assistant, and then these women were alone with him. And that did not feel like it was appropriate behavior or safe behavior."

One former employee told me that she was frequently asked to join for the beginning of meetings that, she said, had in many cases already been moved from day to night and from hotel lobbies to hotel rooms. She said that Weinstein's conduct in the meetings was brazen. During a meeting with a model, the former employee said, he turned to her and demanded, "Tell her how good of a boyfriend I am." She said that when she refused to join one such meeting, Weinstein became enraged. Often, she was asked to keep track of the women, who, in keeping with a practice established by Weinstein's assistants, were all filed under the same label in her phone: F.O.H., which stood for "Friend of Harvey." She added that the pattern of meetings was nearly uninterrupted in her years of working for Weinstein. "I have to say, the behavior did stop for a little bit after the groping thing," she told me, referring to Gutierrez's allegation to the police. "But he couldn't help himself. A few months later, he was back at it."

Two staffers who facilitated these meetings said that they felt morally compromised by them. One male former staffer noted that many of the women seemed "not aware of the nature of those meetings" and "were definitely scared." He told me that most of the encounters that he saw seemed consensual, but others gave him pause. He was especially troubled by his memory of one young woman: "You just feel terrible because you could tell this girl, very young, not from our country, was now in a room waiting for him to come up there in the middle of the day, and we were not to bother them." He said that he was never asked to facilitate these meetings for men.

None of the former executives or assistants I spoke to quit because of the misconduct, but many expressed guilt and regret over not having said or done more. They talked about what they believed to be a culture of silence about sexual assault inside Miramax and the Weinstein Company and across the entertainment industry more broadly.

## 10.

Weinstein and his legal and public-relations teams have conducted a decades-long campaign to suppress these stories. In recent months, that campaign escalated. Weinstein and his associates began calling many of the women in this article. Weinstein asked Argento to meet with a private investigator and give testimony on his behalf. One actress who initially spoke to me on the record later asked that her allegation be removed from this piece. "I'm so sorry," she wrote. "The legal angle is coming at me and I have no recourse." Weinstein and his legal team have threatened to sue multiple media outlets, including the *New York Times*.

Several of the former executives and assistants in this story said that they had received calls from Weinstein in which he attempted to determine if they had talked to me or warned them not to. These employees continued to participate in the article partly because they felt that there was a growing culture of accountability, embodied in the relatively recent disclosures about high-profile men such as Cosby and Ailes. "I think a lot of us had thought—and hoped—over the years that it would come out sooner," the former executive who was aware of the two legal settlements in London told me. "But I think now is the right time, in this current climate, for the truth."

The female executive who declined inappropriate meetings told me that her lawyer advised her that she could be liable for hundreds of thousands of dollars in damages for violating the nondisclosure agreement attached to her employment contract. "I believe this is more important than keeping a confidentiality agreement," she said. "The more of us that can confirm or validate for

14/11/2020

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories | The New Yorker

these women if this did happen, I think it's really important for their justice to do that." She continued, "I wish I could have done more. I wish I could have stopped it. And this is my way of doing that now."

"He's been systematically doing this for a very long time," the former employee who had been made to act as a "honeypot" told me. She said that she often thinks of something Weinstein whispered—to himself, as far as she could tell—after one of his many shouting sprees at the office. It so unnerved her that she pulled out her phone and tapped it into a memo, word for word: "There are things I've done that nobody knows." ♦

18:16  
The

*Published in the print edition of the October 23, 2017, issue.*



*Ronan Farrow, a contributing writer to *The New Yorker*, is the author of "Catch and Kill" and "War on Peace." His reporting for *The New Yorker* won the 2018 Pulitzer Prize for public service.*

More: [Harvey Weinstein](#) [Sexual Harassment](#) [Miramax](#) [Weinstein Company](#) [Sexual Assault](#) [Movie Executives](#) [Producers](#) [Women](#)  
[Actresses](#) [Hollywood](#) [Asia Argento](#) [Mira Sorvino](#) [Rosanna Arquette](#) [#MeToo](#)



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)